

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-LINGÜÍSTICA

A QUESTÃO DA AFETIVIDADE NO DISCURSO
DA CRIANÇA ABANDONADA-REPRESENTAÇÕES

Dissertação submetida ao Curso
de Pós-Graduação em Lingüística
da Universidade Federal de Santa
Catarina, como parte dos re-
quisitos para obtenção do Grau
de Mestre em Letras-Lingüística.

Sandra Maria Cesário Pereira

FLORIANÓPOLIS, SET. 1988

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Grau de

MESTRE EM LETRAS

Área de Linguística Teórica e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras-Linguística.

M. Marta Furlanetto

Prof.^a Dr.^a Maria Marta Furlanetto

Coordenadora do Curso

BANCA EXAMINADORA:

M. Marta Furlanetto

Prof.^a Dr.^a Maria Marta Furlanetto

Orientadora

Carlos Alberto Faraco

Prof. Dr. Carlos Alberto Faraco

Paulino Vandresen

Prof. Dr. Paulino Vandresen

Para os menores abandonados da Fucabem, que me mostraram, sem reservas, as duras verdades das suas vidas e que por causa delas marcaram, não só os seus discursos, mas também a minha própria história.

Para Carlos, meu marido, que com
fê, trabalho e sofrimento, sal-
vou tantas crianças do abandono,
da miséria e do desafeto.

Para meus filhos, Christiano, Syl-
via, Fernando e Lucas, pelo pri-
vilégio do afeto partilhado.

Para meu pai, que calou sofrimentos e deu afeto.

Para minha mãe, que me ensinou o caminho da humildade e do respeito ao próximo.

Para meus sogros, pais em todos
os momentos.

Para F.R. que conseguiu, apesar
de tudo, viver entre e como as
"outras pessoas".

AGRADECIMENTOS

A Prof.^a Dr.^a Maria Marta Furlanetto, pela calma e competência com que orientou este trabalho. Também minha gratidão, pela humanidade com que me tratou em momentos difíceis da minha vida.

Ao diretor, aos técnicos, monitores e funcionários da Fucabem, pela disponibilidade com que me atenderam durante o ano em que lá estive para a coleta do material da pesquisa.

A Déa, Rosa, Suzel e Zília, companheiras de ofício, pelos anos partilhados em harmonia e com afeto.

A Prof.^a Dr.^a Marta Morais da Costa, que me abriu os olhos para detalhes fundamentais.

Ao Prof. Dr. José Luiz da Veiga Mercer, pelas ponderações sempre corretas.

A Prof.^a Márcia Dalledone Siqueira, pela espontaneidade de seu auxílio.

A Nair Lago, pela inestimável ajuda em todos os momentos de minha vida profissional.

A Aymara Ribas e Vera de Almeida Pinto, pela eficiente correção bibliográfica e tradução para o inglês do resumo deste trabalho.

A Elza Lemos, que sem questionar, acreditou.

A Dona Ana, que me ajudou no princípio de tudo.

A Irene, Angela, Maria e Ina, que nos últimos anos dividiram comigo os afazeres da casa e os cuidados com meus filhos, e sem quem, teria sido impossível realizar este trabalho.

A Mariquinha, pela presença constante.

Aos meus irmãos, pela fraternidade e pela solidariedade em todas as horas.

A Paulina, que dividiu sua vida com a nossa.

A Tia Edith, pelas preces que sempre têm me reconfortado a alma e o coração.

Ao Mauricio, Isa e Elvis, que se tornaram irmãos.

RESUMO

Este trabalho analisa a questão da afetividade no discurso do menor abandonado institucionalizado.

Primeiramente apresenta-se uma visão da atual situação desses menores no Brasil, baseada em uma significativa bibliografia constituída de artigos e teses publicados sob forma de livros. Em seguida, organizou-se o aparato teórico que fundamentou e legitimou a análise dos dados e seu resultado.

A questão da afetividade é discutida em termos de seus valores e perspectivas, a partir de um contexto geral até ser situada, posteriormente, no contexto de vida dos menores abandonados.

Num último momento, foram colocados os caminhos da pesquisa, a maneira como o material foi coletado, os procedimentos que conduziram à análise propriamente dita. Efetivada a análise, procedeu-se ao estudo dos resultados obtidos.

SUMMARY

This paper presents an analysis of the question of affectivity in the discourse of institutional deprived children. At first, a general view of the current situation of these children in Brazil is given, based on a representative bibliography comprising articles and dissertations published in book form.

Following this a theoretical apparatus was organized, which provided a background and legitimacy to the data analysis and its results.

The problem of affectivity was discussed in terms of its values and perspectives, starting from a general context, until it could at a later stage be placed in the context of the deprived children.

Lastly, the development of the research, the process of material collecting, and the procedures which led to the analysis itself were presented. Once the analysis was completed, the study of the results obtained was made.

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO.....	01
Capítulo I - O MENOR ABANDONADO - PANORAMA NO BRASIL.....	04
Capítulo II - LINGUAGEM E REPRESENTAÇÃO.....	10
1. Linguagem e comportamento social - a ideologia.....	10
2. Discurso e texto.....	17
3. A produção de sentido - protagonistas, condições de produção, representações.....	21
Capítulo III - AFETIVIDADE - VALORES E PERSPECTIVAS.....	41
Capítulo IV - O DISCURSO DO MENOR ABANDONADO.....	49
1. Os caminhos da pesquisa - A FUCABEM.....	49
2. Procedimentos para análise dos dados.....	59
3. Análise.....	64
CONCLUSÃO.....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94
Anexo 1 Roteiro da entrevista.....	98
Anexo 2 Ficha de palavras para associação.....	101
Anexo 3 Depoimentos categorizados tematicamente.....	102
Anexo 4 Análise dos depoimentos do ponto de vista sintático-semântico.....	104
Anexo 5 - Síntese da análise.....	106

"... o afeto, não é necessário buscá-lo
em outro lugar que não na linguagem..."

(LACAN, apud GUIRADO, 1986:46)

INTRODUÇÃO

O objetivo específico desta proposta de trabalho é verificar a questão da afetividade no discurso do menor abandonado institucionalizado.

Pretendemos realizá-la através da análise dos dados colhidos sob forma de entrevista, durante o ano em que convivemos com estas crianças na Fucabem/Palhoça, na região da Grande Florianópolis (SC).

O princípio em que nos apoiamos para transformar a questão da afetividade num objeto de análise lingüística foi o de que toda e qualquer experiência de vida se reflete na experiência da prática cotidiana da linguagem.

Na medida em que "praticar" a linguagem implica estabelecer relações com o outro e com o mundo, pensamos em buscar, no discurso dos menores abandonados, estas relações e evidenciar como elas se apresentam e/ou se representam nesse discurso.

Compreendendo a afetividade como uma decorrência das relações familiares vividas pelas pessoas, acreditamos que é a partir dessa relação de base que ela se instala nos indivíduos como um elemento essencial da vida de cada um. A partir da vivência afetiva na família, os indivíduos estão aptos a vivê-la em qualquer outro tipo de relação, em qualquer outro contexto.

Nossa hipótese é a de que a criança abandonada, pelas precárias condições de vida material e moral em que se encontra, es-

tá privada, em função disto, da experiência da afetividade enquanto uma prática de vida. Entrando na instituição, esta privação continua, porque, por razões que a própria razão conhece, a instituição não está apta a suprir a falta da afetividade presente na vida da criança.

Assim, não possuindo a experiência de elos afetivos específicos, é de se supor que a ausência de sua vida se manifeste como uma ausência na sua experiência lingüística. Teremos então, um discurso marcado, lingüísticamente, pela presença da falta de afetividade acontecida na vida de cada um dos menores abandonados, teremos a marca de uma ausência.

Para tentar suprir para si mesmos a lacuna existente em suas vidas, é possível que eles encontrem uma maneira de representá-la em seus discursos, através de imagens idealizadas, de valores atribuídos a determinadas coisas e/ou pessoas como se, explicitados esses valores e essas imagens, eles representassem em seus discursos alguma coisa já conhecida, já vivida.

Na tentativa de melhor conhecer o envolvimento da linguagem com o fato social, de compreender a maneira como os sujeitos sociais, através das relações em que estão inseridos, produzem seus discursos, de que modo as circunstâncias dos contextos de sua produção vão interferir na produção lingüística conduzindo os discursos para certos tipos de efeitos de sentido, saímos em busca do aparato teórico que legitimaria, ou não, a nossa hipótese de trabalho.

Consideramos vários autores e vários pontos de vista. Mas, como base da pesquisa, nos detivemos em alguns deles, tais como: BAKHTIN (1981), VERÓN (1980), OSAKABE (1979), KOCH (1984), CHARAUDEAU (1980).

Naturalmente que, além destes autores ligados essencialmente à teoria lingüística, nos inteiramos, da maneira mais ampla possível, da vida dos menores abandonados do Brasil. A bibliografia é significativa e constará no final do trabalho.

Capítulo I

O MENOR ABANDONADO - PANORAMA NO BRASIL

Ao decidirmos realizar uma pesquisa junto aos menores abandonados, não imaginávamos realmente o tipo de experiência que iríamos viver.

Apesar do conhecimento da dramática situação de vida destes menores através dos noticiários de jornal e televisão, das evidências que se apresentam em cada esquina das cidades deste país e de uma consciência social de nossa parte, que considerávamos bastante desenvolvida, foi ainda com receio e surpresa que entramos neste mundo diferente, solitário e distante, mas ao mesmo tempo tão próximo de nós.

Optamos pelo trabalho com o menor institucionalizado por considerarmos que ele representa, de forma viva e objetiva, a situação de todos os menores marginalizados do Brasil. Mais que isso, ele representa a caótica situação social, econômica e política que vivemos hoje neste país, apesar da instauração de uma nova república. Na realidade, as repúblicas no Brasil vão e voltam, intercaladas por ditaduras mais abertas e/ou mais fechadas. Em ambas, há porém, um ponto comum, que é o descaso, a absoluta falta de preocupação com o problema dos menores abandonados.

Para encobrir esta falta de atitude por parte dos governos em relação ao problema, foi criada uma instituição nacional, a Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor — FUNABEM — que, fun-

dada em 19 de dezembro de 1964, se propõe, sob diferentes siglas, a "prevenir, educar e recuperar socialmente" o menor em questão.

Em Santa Catarina, o governo do Estado, atendendo à recomendação da Funabem no sentido de que fossem criados órgãos para promover com mais eficácia a "promoção social do menor", criou a FUCABEM. Esta foi fundada em 30 de julho de 1975, através do decreto estadual de nº 664.

Todos os anos de descaso em que viveu e ainda vive o menor abandonado do Brasil transformaram o problema num impasse de difícil solução. As proporções são gigantescas e inimagináveis!

O Brasil disputa no momento, junto com a Índia, o "campeonato mundial da mortalidade infantil" (LINS e SILVA, 1985). De acordo com dados oficiais (1985), existem no Brasil 38 milhões de menores marginalizados, ou seja, em uma situação-limite de vida. Isto significa que estes menores vivem, ou melhor, sobrevivem sem as mínimas condições materiais e econômicas, o que os leva, conseqüentemente, a um desencontro social e afetivo.

Quem são estes menores? O que sentem, temem ou a que aspiram? Que exército é esse que domina hoje o Brasil?

É fácil identificá-los, embora para si mesmos tenham dificuldade em fazê-lo. Eles existem sob a forma de rótulos e são classificados como estoques de supermercados. Popularmente são conhecidos como "carente", "trombadinha", "delinqüente", "malandro" e assim por diante. Para efeitos legais e de institucionalização, esses menores são classificados como "abandonados", "assistidos" e "infratores", categorias que se encontram no Código de Menores sob a denominação de "menor em situação irregular", isto é, fora do pátrio poder (MARREY, 1980:18).

Para podermos realizar esta pesquisa, procedemos à leitura de várias obras sobre o menor abandonado. Isto aconteceu diante da necessidade de ampliarmos as informações a respeito destes menores. Tivemos acesso a diferentes pontos de vista sobre o assunto e o enfoque científico de muitos destes pontos de vista nos permitiu uma apreensão mais profunda e mais realista dos fatos. Apesar da dura realidade que o problema apresenta por si só, devemos dizer que as informações obtidas nessas leituras nos chocaram e nos fizeram perceber o quanto estamos longe da solução destes problemas.

Os trabalhos analisados se constituíram de reportagens jornalísticas e de teses publicadas sob forma de livro. Os temas tratados seguiram um itinerário que foi do mais abrangente ao mais específico. Todos, sem distinção, enfocando com seriedade o problema.

Em "O dilema do decente malandro", Maria Lucia VIOLANTE (1984), aborda a questão da identidade do menor da FEBEM-SP. Basicamente o problema se resume na relação do menor com a instituição que o abriga. Isto acontece quando o Juiz, depois de analisar o estudo social apresentado pelo Centro de Triagem e Diagnóstico, define o menor, atribuindo-lhe uma identidade. Esta pode se configurar dentro das denominações de "infrator", "periculoso", "abandonado". Assim qualificado, o menor é encaminhado para a instituição e internado segundo os critérios utilizados quando da análise de seu estudo social.

De acordo com a autora,

a priori atribui-se uma identidade ao menor, passa-se a tratá-lo como tal; ao mesmo tempo, idealiza-se a identidade que ele deve adquirir e traça-se o seu destino.

(Ibid., p. 100)

Isto se explica na medida em que o menor, no momento do seu internamento, pode não possuir a identidade que lhe foi atribuída, mas, devido ao tipo de tratamento que recebe na unidade para a qual foi encaminhado, acabará por assimilar tal identidade. A partir daí ele entrará, de acordo com o discurso oficial, no processo que o conduzirá à identidade idealizada (pela instituição) que é a de regenerado.

Fechando o círculo das possíveis identidades que o menor possa ou deva adquirir, encontra-se a que a autora chama de "identidade sentida" (ibid., p. 149), e que é aquela que o menor sente como realmente sendo sua. Desta forma, é entre a identidade atribuída (marginal), a idealizada (regenerado) e a sentida, que o menor se debate, vivenciando um conflito interno de difícil solução.

Esta questão das identidades também pode ser compreendida se percebermos que

... não é o tipo de menor que explica e justifica a existência de qualquer das unidades, não são suas características pessoais que lhe conferem especificidade. Ao contrário, são as características da unidade que lhe conferem uma certa identidade, um tratamento especial, uma carreira...

(Ibid., p. 111)

Além da questão da identidade do menor, também nos preocupamos em obter alguma informação a respeito das expectativas e valores dos menores que formaram o universo da pesquisa.

Para isto nos apoiamos na obra de Rosa Maria Fischer FERREIRA (1979). Esta pesquisa apoiou-se basicamente nos meninos de rua. Seu resultado conclui que o menor que vive nas ruas vive na expectativa apenas do dia de hoje. Por uma questão de sobrevivência, seus valores são os valores que ele encontra ou re-

encontra a cada dia. Vive na insegurança. Nada na sua vida é certo ou definitivo. Nada é planejado ou equacionado. Vive do provisório e do improvisado.

De acordo com a autora,

... evidentemente o imediatismo que caracteriza suas vivências leva-os a empregar o mesmo estilo em todas as ações: o raciocínio deve ser curto e rápido, não há tempo para decisões planejadas, porque tudo que lhes ocorre é também rápido e imprevisível..." (Ibid., p. 41-2).

Outra obra que nos auxiliou bastante no aprofundamento das questões sobre a vida e a história dos menores, foi a de Hilda Simões L. Costa ACEVEDO (1983). Foi um trabalho elaborado em função dos menores delinqüentes. Nele são abordados aspectos da família, sua importância e sua função dentro do contexto em que vivem estes menores. Mais especificamente, foi feito um estudo da família fundamentado no conceito Durkheimiano de anomia. Trata-se da idéia de "desregramento social", que resulta na existência de um indivíduo cujo comportamento social não é regular, isto é, não se encontra dentro das normas previstas pela sociedade. Desta forma existiria uma família anômica que incentiva seus filhos para que adotem a conduta-desvio já que não possuem condições para socializá-los adequadamente. Esta "conduta-desvio", embora possa se concretizar em forma de "apatia" social, pode também tomar a forma de uma "conduta anti-social ativa" (ibid., p. 32), como é o caso do comportamento delinqüente.

Os pontos de vista aqui levantados servem para mostrar a extensão de alguns dos problemas que atingem os menores abandonados no Brasil. Outros mais foram vasculhados. Mas nos limitamos à sua menção neste momento.

encontra a cada dia. Vive na insegurança. Nada na sua vida é certo ou definitivo. Nada é planejado ou equacionado. Vive do provisório e do improvisado.

De acordo com a autora,

... evidentemente o imediatismo que caracteriza suas vivências leva-os a empregar o mesmo estilo em todas as ações: o raciocínio deve ser curto e rápido, não há tempo para decisões planejadas, porque tudo que lhes ocorre é também rápido e imprevisível..." (Ibid., p. 41-2).

Outra obra que nos auxiliou bastante no aprofundamento das questões sobre a vida e a história dos menores, foi a de Hilda Simões L. Costa ACEVEDO (1983). Foi um trabalho elaborado em função dos menores delinquentes. Nele são abordados aspectos da família, sua importância e sua função dentro do contexto em que vivem estes menores. Mais especificamente, foi feito um estudo da família fundamentado no conceito Durkheimiano de anomia. Trata-se da idéia de "desregramento social", que resulta na existência de um indivíduo cujo comportamento social não é regular, isto é, não se encontra dentro das normas previstas pela sociedade. Desta forma existiria uma família anômica que incentiva seus filhos para que adotem a conduta-desvio já que não possuem condições para socializá-los adequadamente. Esta "conduta-desvio", embora possa se concretizar em forma de "apatia" social, pode também tomar a forma de uma "conduta anti-social ativa" (ibid., p. 32), como é o caso do comportamento delinquente.

Os pontos de vista aqui levantados servem para mostrar a extensão de alguns dos problemas que atingem os menores abandonados no Brasil. Outros mais foram vasculhados. Mas nos limitamos à sua menção neste momento.

O que fica de fundamental como resultado destas leituras é o fato de que, embora nossa pesquisa não tenha sido elaborada com menores de rua nem com menores delinqüentes — visto que trabalhamos com menores abandonados institucionalizados —, necessário é colocar que muitos deles nas ruas já viveram e muitos deles quem sabe delinqüentes serão. Isto porque também a Instituição é, em princípio, provisória. Nela alguns ficarão até sua maioridade. Outros, porém, dela sairão, fugidos, na busca da liberdade imaginada, do afeto sempre ausente, da dignidade e da decência que a sociedade e o estado teimam em lhes negar.

Entre tantas coisas fica claro que difícil é delimitar o intervalo que separa os menores abandonados dos delinqüentes, dos carentes, dos de rua. Todos são, na realidade, tudo e nada. Todos se encontram do outro lado do muro, separados da sociedade pelos medos, preconceitos e omissões.

Para realizarmos este trabalho foi preciso atravessar o muro, enfrentar frente à frente o menor das televisões, das grandes reportagens, das mentirosas promessas políticas.

Nós os vimos. E também os ouvimos. Comemos, rimos e choramos com eles. Falamos de suas desgraças e dos seus sonhos, pois eles também os têm.

Este trabalho é, antes de qualquer coisa, um apelo à ação para todos os que continuam espiando pelo muro a triste e solitária caminhada dos menores abandonados deste país.

Para chegarmos até eles e encontrá-los na sua dura realidade, optamos por estudar a sua linguagem. Buscamos nela alguma coisa que evidenciasse aquilo que lhes é mais caro e que lhes faz falta em quantidade inimaginável, qual seja, o afeto de todos os dias.

Capítulo II

LINGUAGEM E REPRESENTAÇÃO

1. Linguagem e comportamento social - ideologia

... a palavra penetra literalmente em todas as relações entre os indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados...

(BAKHTIN, 1981:41)

Acreditando ser a linguagem o reflexo mais imediato das experiências humanas; que falamos aquilo que de diferentes modos vivemos; que através dela formalizam-se comportamentos e ideologias, trabalhar com ela significa penetrar num mundo de infinitas possibilidades. Trata-se de um mundo onde o homem é peça fundamental, onde seus pensamentos, atitudes e sentimentos são expostos através da prática cotidiana da linguagem.

Deixamos de encarar a linguagem, aqui, como a simples expressão do pensamento" ou ainda "um mero instrumento de comunicação". Numa visão mais atual e profunda, a linguagem será vista como a possibilidade maior de encontro entre os indivíduos. Ne-la e através dela os homens estabelecem os mais diferentes ti-

pos de relações.

O estudo dos fatos da linguagem abrange hoje não somente a língua ou sua prática, mas, sobretudo o que está envolvido nesta situação que denominaremos de "social", pois que ocorre num determinado contexto de uma determinada sociedade.

Sendô a linguagem de natureza essencialmente social, podemos afirmar que linguagem e sociedade estão ligadas por laços indissolúveis. Mais que isto, que os grupos sociais, quando organizados, têm na linguagem de seus integrantes um fato revelador da ordem, das idéias e dos comportamentos que norteiam este grupo.

Desta forma a linguagem passa a ser vista como uma atividade, talvez a mais dinâmica dentre todas. É através desta atividade que o sujeito social assume o papel daquele que age e reage, identificando-se com determinado grupo, posicionando-se diante de si mesmo e do mundo.

Assim, o caráter social da linguagem evidencia-se quando prevê da parte dos sujeitos falantes um comportamento social e lingüístico. Estes comportamentos, dependendo do tipo de vida, experiência e ambiente que contornem o mundo deste sujeito, determinarão o espaço e o limite deste mundo, da mesma forma que a ideologia nele contida.

Para que se possa compreender as posições colocadas até agora, é preciso que se privilegie a palavra, tal qual Bakhtin (1981:14). É dele a concepção de que a fala, a enunciação, possuem uma natureza social. Desta maneira, a enunciação está ligada tanto às condições de comunicação quanto às estruturas sociais. Isto significa atribuir à palavra a função de intermediar a relação entre os homens e possibilitar-lhes o conhecimen-

to do mundo.

A palavra possui, além disso, a capacidade não só de reproduzir as ideologias constituídas como também a de revelar as modificações ocorridas no dia-a-dia do homem que pensa e repensa o seu mundo. Sendo assim, a palavra interfere no comportamento do homem na medida em que ela se faz signo. E, enquanto signo, reflete valores, conduzindo o sujeito social a agir. Por esta qualidade, a palavra acrescenta ao homem a noção de consciência, não só individual mas de classe. A partir daí ela setorna, de acordo com Bakhtin (1981:37), "um instrumento de consciência... acompanhando e comentando todo ato ideológico".

Podemos constatar, pelas evidências, que sociedade e linguagem tornam-se um só corpo atuando num processo de inter-relação contínuo. Que todas as alterações sofridas pela sociedade implicarão uma alteração de linguagem. Partindo do pressuposto de que a palavra veicula a ideologia, cabe a ela, através das relações sociais que ela estabelece, mostrar o que nesta sociedade se modifica, se cria ou se pensa nas relações de todos os dias.

Partindo deste ponto de vista, o homem age e adquire uma forma de conduta lingüística e social sujeita naturalmente ao momento histórico, social, político e pessoal que ele possa estar vivendo. De que forma então, o fato lingüístico, a palavra que veicula idéias chegaria até ele e dele para o outro? E até que ponto, e de que maneira o comportamento é determinado pela ideologia trazida pelas palavras?

Para esclarecer estas questões, partiremos do princípio de que linguagem, ideologia e comportamento formam uma tríade inseparável.

No que se refere à linguagem, adotaremos a posição bakhtiniana de que "a palavra é o signo ideológico por excelência" (ibid., p. 36). No presente caso, privilegiaremos a linguagem oral dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Quanto à questão da ideologia, dada a amplitude do assunto, nos apoiaremos na colocação de Santaella BRAGA (1980:50), apoiada, por sua vez, em Althusser. Esta posição adapta-se perfeitamente à proposta deste trabalho quando a autora diz que

Ideologias são sistemas de representações imaginárias que os indivíduos fazem de suas reais condições de existência social, de modo que toda e qualquer prática existe através e sob uma ideologia.

(BRAGA, 1980:50)

Como resultado da análise da vinculação entre linguagem e ideologia, teremos o comportamento, que se evidenciará claramente a partir dos dois primeiros pontos levantados.

Para que se compreenda e se justifique a importância dada à linguagem, ou melhor, aos atos de fala nestas duas últimas décadas, pelos estudiosos da lingüística, é preciso que se compreenda a questão da ideologia e de como ela intervém nos fatos da linguagem.

O primeiro passo para assimilar a questão é que devemos integrar a ideologia ao indivíduo e às suas condições de existência. É preciso compreendê-la não como alguma coisa externa a ele, mas como fazendo parte dele. Pois a ideologia está em nós desde o momento em que nos constituímos em sujeitos sociais. Ela está incorporada à nossa consciência e às nossas atitudes. Ela flui pelas nossas palavras. A ideologia faz, sobretudo, com que nos reconheçamos no grupo social.

Em qualquer sociedade a ideologia existe como parte da estrutura social. E existe pela necessidade do indivíduo em possuir um ponto de referência, uma base para suas crenças, um fundamento para suas aspirações. Sendo assim, pressupõe-se que é da busca de uma identificação com o outro, da possibilidade de criar e partilhar idéias, da perspectiva de formar e contornar padrões que os grupos sociais se organizam segundo aquilo em que acreditam, pensam acreditar ou são levados a acreditar.

Acontece que esta ideologia, para existir, precisa ser veiculada. Isto vai se dar pelo uso da linguagem, que é o elemento socializador mais eficaz.

Por este motivo, Bakhtin qualificou a palavra como um "signo social", como "o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana", como "a arena onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória" (ibid., p. 37,63).

Desta maneira, a ideologia se infiltra na e pela palavra. A partir daí se estabelecem as relações sociais, se criamos grupos sociais, se produzem os discursos sociais. E estes trazem, por sua vez, as marcas daquilo que se produz e reproduz dentro de toda e qualquer formação social.

Dentro de uma visão marxista, toda e qualquer sociedade se compõe de dois níveis: o da infraestrutura, que é de base econômica, e o da superestrutura, que, por sua vez, se subdivide em dois níveis: o jurídico-político (o Estado e o Direito) e o ideológico. Daí perceber-se que a questão da diferença de classes está diretamente ligada à questão econômica, porque

Em todos os grupos sociais que existem em uma sociedade, são os grupos que ao participar de forma direta no processo de produção chegam a constituir-

se em pólos antagônicos (explorados e exploradores) se constituem em classes sociais.

(HARNECKER, 1983:163)

Já a questão dos discursos sociais, apesar de também se inserir nas questões de ordem econômica, dimensiona-se mais para o nível ideológico. Isto explica o porquê das diferenças nos discursos sociais. Estas não existem apenas pelas diferentes classes sociais às quais pertencem os indivíduos mas, também como o resultado de sua formação ideológica, ou seja, de sua experiência de vida.

Esta experiência se processa através daquilo que Althusser (1980:62-8), explicando Marx, chamou de Aparelhos Ideológicos do Estado. Estes aparelhos são as instituições que organizam e dirigem a sociedade, tais como: o AIE religioso, o familiar, o jurídico, o político, o cultural, o escolar e assim por diante.

É a partir destes aparelhos que o indivíduo se desenvolve, positiva ou negativamente, dentro da condição de explorador ou explorado. Estes aparelhos nos conduzem muitas vezes, de forma tendenciosa, a assumirmos nossos papéis na sociedade fazendo de nossas práticas sociais, entre elas a linguagem, um elemento revelador de pressão, pois

... a própria estrutura de classes produz historicamente falas, significados, valores que são peculiares a cada classe: na medida em que cada classe vai ter papéis diferentes na produção, vai ter também experiências histórico-sociais diferentes e necessariamente vai produzir falas diferentes.

(FARACO, 1985:13)

Podemos concluir dizendo que os indivíduos são o produto de um contexto econômico que os define enquanto classe e de um contexto ideológico que os define perante si mesmos e o mundo. É este duplo aspecto que transforma o indivíduo em sujeito social, que entra para o mundo através da linguagem, que, permeada pela ideologia, determinará os seus comportamentos, sejam eles sociais, lingüísticos, afetivos, morais. O sujeito social precisa compreender que "para suportar a opressão é necessário que se tenha a utopia..." (ibid., p.16), porque as reais condições de existência destes sujeitos "são em si alienantes" (ALTHUSSER, 1980:80).

Desse ponto de vista, compreende-se a definição de ideologia como representação. Ideologicamente falando, os sujeitos sociais têm dificuldade em fazer coexistir as suas reais condições de existência e aquelas imaginadas. O que fazem então, é transformar esta realidade, representando-a, através de sua linguagem. Isto lhes é permitido devido à sua formação ideológica, que de uma maneira ou de outra lhes é imposta pelo contexto de suas vidas. Sendo assim, o que é representado na ideologia

... não é o sistema das relações reais que governa a existência dos indivíduos, mas as relações imaginárias destes indivíduo com as relações reais em que vivem.
(ALTHUSSER, 1980:82)

Deve ficar claro que toda representação implica um "comportamento falseado", mesmo que esta representação faça alusão a uma realidade. Surgem daí os "atores sociais", que bem foram definidos por Sartre numa entrevista a Madeleine Chapsal, cujas palavras abrem o artigo de Vogt, "Para uma pragmática das representações" (1980:129) que diz:

... trata-se do homem— que é ao mesmo tempo um agente e um ator — que provoca e representa seu drama, vivendo as contradições de sua situação até a explosão de sua pessoa ou mesmo à solução de seus conflitos.

Na parte que segue, abordaremos a questão do discurso, a forma como a representação nele se insere, o sentido que ele adquire e aonde ele conduz. Usando as palavras de Verón, analisaremos "o modo de existência da ideologia no seio dos discursos" e também "a produção social de discursos, que é parte por sua vez, de um campo mais vasto, o da produção de sentido" (VERÓN, 1980:22-5).

2. Discurso e texto

... sendo a palavra um signo, sua função é querer-dizer, logo, fornecer um sentido que, seja por remeter a um objeto, seja por referir a uma norma gramatical, é um conhecimento, um saber... a linguagem é sempre um saber; o discurso é sempre um conhecimento, para quem pronuncia ou ouve a palavra na cadeia comunicativa.
(KRISTEVA, 1974:126-7)

Pretendemos, nesta parte, discutir a questão dos fenômenos discursivos. Para isto é necessário que se coloque as questões relativas às condições de produção destes fenômenos, a maneira pela qual eles são ou estão investidos de significação, a importância da presença dos sujeitos que produzem estes fenômenos dentro do contexto de sua produção.

Para isso, teceremos algumas considerações preliminares sobre os termos Discurso/Texto, necessárias tendo em vista a va-

riedade de acepções que lhes são atribuídas.

A idéia de que o discurso é a unidade que ultrapassa a frase nos parece resolvida dentro dos estudos lingüísticos atuais. Há muito já se percebeu que o discurso é mais que uma seqüência de frases. O que ainda é objeto de discussão é a questão da delimitação da abrangência destes termos e suas relações.

Sabemos que nas noções de discurso e texto estão embutidas as noções de oral e escrita. O discurso seria, a manifestação verbal da linguagem e o texto a representação escrita desta manifestação. Esta é naturalmente uma visão primária do assunto. Contudo, foi a partir dela que os estudos sobre o assunto se desenvolveram e foram com o tempo se ampliando. Na verdade, ainda hoje não se tem conceitos definidos sobre estes termos. O que se tem são conceitos formulados, ampliados, modificados. Isto é compreensível na medida em que se percebe a linguagem como um fato revelador de uma realidade social que envolve o homem e a sua condição de ser itinerante. Buscando a si mesmo, reencontrando o outro através da linguagem, o homem é e será sempre um ser inacabado. A linguagem que o constitui também assim o será. Um processo, cuja gama de possibilidades é infinito. Desta maneira, discutiremos sempre tendo em vista esta abertura, procurando na linguagem, ou melhor, nos fatos que a revelam, um meio de compreender o homem e sua atuação no mundo.

Basicamente a noção de discurso pressupõe a existência de uma inter-ação entre sujeitos, pois

... um discurso é sempre uma mensagem situada, produzida por alguém e endereçada a alguém.

(VERÓN, 1980:77).

Sendo assim, uma enunciação, um discurso produzido, acontece numa determinada situação social e histórica. Da mesma maneira, os agentes produtores destes discursos devem ocupar no contexto determinadas funções que os identifiquem perante si mesmos e perante o outro. Desta idéia, podemos constatar que a noção de discurso se incorpora a noção de ação, de movimento, de sentido.

Se, por um lado, a noção de discurso se vincula a de atividade, por outro, a noção de texto se vincula a de estaticidade. Isto porque o texto é percebido como uma realidade palpável, passível de análise. O texto seria, então, um objeto concreto, ordenado, fundamentado, permeado de relações entre os argumentos que o constituem. Um texto se caracteriza basicamente por aquilo que Koch (1984:21-2) chama de "textualidade" ou "textura".

Na realidade, um discurso também pode ser considerado como sendo um texto em potencial, na medida em que ele se organiza dentro de uma certa lógica discursiva, mantendo uma coesão e propondo um direcionamento. O que acontece é que um discurso, para ser analisado, precisa ser transformado em texto, isto é, ser transcrito, pois o discurso em si se perde no próprio ato de sua enunciação. Compreendendo desta maneira, podemos dizer que o discurso é um texto na medida em que se materializa, permitindo que uma enunciação seja objeto de análise, trazendo consigo todos os elementos ativos que a constituíram.

Pensando assim, constatamos que o texto, objeto materializado do discurso produzido pelos indivíduos, nada possui de estático. A ele e dentro dele subjazem elementos dinâmicos que lhe deram origem. Por isso o texto pode e deve ser considerado como um ato de fala "que é feito para ser apreendido de maneira

ativa" (BAKHTIN, 1981:123).

Charaudeau (1984:38) faz questão de colocar que o termo discurso não deve ser confundido com o termo texto. Do seu ponto de vista, o texto deve ser considerado "como objeto que representa a materialização da *mise en scène* do ato de linguagem, e ainda "como um resultado sempre singular de um processo que depende de um sujeito falante e de circunstâncias de produção particulares".

Quanto ao discurso, ele o define como sendo "o lugar da *mise en scène* da significação" (o fazer lingüístico).

O texto seria, então, a representação materializada de um fazer lingüístico, que se assim for percebido poderá ser analisado. Isto porque, nele poderão ser encontradas todas as artimanhas, jogos e relações utilizados pelos sujeitos sociais quando da produção de seus discursos.

O texto tem desta maneira sua importância configurada. Ele é a possibilidade única que a linguagem produzida numa sociedade possui para se constituir como elemento revelador desta sociedade. Assim acontece porque um texto materializada muito mais do que palavras. Ele materializa atitudes, pensamentos, desejos, intenções, opiniões. Enfim, tudo que constitui uma sociedade e tudo que caracteriza os seus membros como sujeitos sociais é revelado pela linguagem através dos discursos sociais e materializado, isto é, transformado em argumento, através dos textos.

Como já comentamos, o discurso se perde no próprio ato de sua enunciação. É pois o texto a única forma de fazer com que a palavra permaneça, adquira uma individualidade. Isto faz com que o jogo iniciado no momento da enunciação pelos agentes produtores de discurso, continue a ser jogado por aqueles que

pretendem compreender este jogo a partir da análise dos textos que materializam a produção linguística dos sujeitos sociais.

Para chegarmos a esta compreensão, é necessário que se fale dos sujeitos que participam destes atos de fala, da maneira como eles se comportam diante da linguagem, e de como dela fazem uso para dizer o que sentem, o que querem, o que pensam das coisas do mundo. E também da maneira pela qual muitas vezes dizem o que não querem, mostram o que não sentem, propõem verdades em que não acreditam.

A palavra permite tudo isto. Cabe ao sujeito social dela fazer uso, jogando com seu poder, com seus efeitos de sentido. É sobre isso que discutiremos em seguida. Sobre o papel do produtor de discursos e sobre a maneira pela qual as palavras são investidas de significação no e pelo jogo da linguagem.

3. A produção de sentido — protagonistas, condições de produção, representações.

Falar dos sujeitos que participam dos atos de fala parece lógico e natural. No entanto, por longo tempo eles estiveram ausentes dos estudos sobre a linguagem. Somente quando se começou a analisar o processo enunciativo é que se pensou na importância que teriam estes sujeitos no interior daquilo que enunciavam.

Benveniste (1974:67-8) nos deixou, neste campo, uma contribuição fundamental: a de que o homem só se percebe perante si mesmo quando toma conhecimento da existência do outro. Este conhecimento só é possível através da linguagem, que se realiza pelos atos de fala. Desta maneira, o indivíduo, ao se apropriar da

linguagem produzindo uma enunciação, se instaura como sujeito (EU) desta enunciação. Simultaneamente instaura o outro também como sujeito (TU). Assumindo ambos, alternadamente, as posições do "EU" e do "TU", é que se estabelece o jogo da linguagem, formalizado através dos diálogos entre os sujeitos sociais.

Estas noções sobre os sujeitos da enunciação foram bastante ampliadas por Charaudeau, que, diferentemente de Benveniste, vê o jogo da linguagem estabelecido entre os parceiros através de um contrato.

Numa primeira colocação ele diz que "uma teoria do discurso não pode prescindir de uma definição dos sujeitos do ato de linguagem" (Langage et Societé, 1984:38). Importante é também sua definição de discurso como o "lugar da *mise en scène* da significação" (Ibid, p. 38). Ao utilizar a expressão *mise en scène*, Charaudeau aí embutiu a idéia de "representação". Na realidade, o ato de fala acompanhado dos elementos que o constituem, pode ser visto como uma "encenação", no sentido estrito do termo. Vogt também assim percebeu o ato de fala quando disse que "se a linguagem atravessa a verdade com a máscara da neutralidade é porque ela é palco e aí cabem outras representações" (1980:153).

Sabemos que a língua não é um código que existe por si só. Ela existe em função daqueles que a utilizam, isto é, dos indivíduos que fazem parte de uma comunidade. Estes, por sua vez, agem lingüisticamente de acordo com aquilo que, por hábito ou convenção, ficou estabelecido nesta comunidade. Assim, parece natural que os indivíduos se comuniquem e se compreendam entre si a partir destas convenções.

Acontece que o que se passa entre emissor e receptor é, como já mencionamos, muito mais que uma simples transmissão de

informação. Se assim o fosse, o que dizemos uns para os outros teria sempre o mesmo valor. Nada seria criado nem interpretado porque emissor e receptor seriam meros instrumentos de uma mensagem sem sentido, ou com o sentido apenas de querer dizer o que foi dito.

Basta que olhemos à nossa volta e que percebamos o que somos capazes de fazer e o que fazemos quando falamos. Nos daremos conta de que produzir um discurso não é um comportamento que pode ser considerado ingênuo. Quando nos propomos a estabelecer um ato de fala, levamos em conta várias coisas, mesmo que isto aconteça de forma inconsciente. Questionamos, por exemplo, se nosso interlocutor tem algo em comum conosco; se de alguma forma, por fazer parte do nosso mundo, encontramos nele parte deste mundo; se ele pensa ou não como nós; como ele interpretará o que dizemos e a maneira pela qual dizemos. E se temos intenções ao dizer, nos frustramos se o efeito não foi o pretendido. E dependendo da idade, do sexo, do papel que nosso ouvinte tem dentro do contexto social em que vivemos, agiremos linguisticamente desta ou daquela maneira.

O ouvinte, por sua vez, também tece as suas considerações. Questiona-se sobre a atitude do locutor, sobre quem é ele para falar desta ou daquela forma; o que ele pretende dizer através do que foi dito; que tipo de reação aquele locutor espera dele, ouvinte?

Podemos dizer que este jogo de perguntas (e muitas outras mais) está definitivamente inscrito no ato de fala pela simples razão de que o que determina a instauração do ato de fala é, basicamente, o tipo de relação que existe entre um EU (locutor) e um TU (ouvinte). É a intensidade (maior ou menor) des-

ta relação que vai definir o tipo de atitude (lingüística) que o locutor utilizará para chegar até seu interlocutor. Isto é compreensível na medida em que

Um EU não define, por si só, a ação a ser empreendida; é preciso que ele tenha sua imagem do TU ou que o TU forneça essa imagem... uma vez que a imagem se acha definida, há que se definir um tipo de ação...

(OSAKABE, 1979:53)

Todas estas noções nos levam a considerar que realmente um ato de fala, ou a produção de um discurso, possui muitas implicações. Se à primeira vista parece simples e corriqueiro um ato de fala entre dois ou mais participantes é extremamente complexo. É fundamental que ele seja percebido, não como um fato isolado, mas como alguma coisa que faz parte do nosso mundo e que acontece em função das circunstâncias de vida destes participantes e de uma necessidade maior que comunicar-se, qual seja, a de conhecer-se e ao outro. Por isso,

... quando se analisa um ato de fala, qualquer que seja ele, não é a língua que precisa ser visada como objeto de análise mas os traços da organização sócio-cultural nos quais o discurso se entranha.

(CHARAUDEAU, 1982-A:7-30)

Sendo assim, dizer que os participantes de um ato de fala, por pertencerem a uma mesma comunidade, se relacionam lingüisticamente a partir de convenções, é dizer, de acordo com Charau-deau, que eles possuem um "contrato lingüístico" que lhes permite compreender mais que uma informação; significa que eles "partilham das práticas psicossociais existentes na comunidade" (ibid, p. 2). Por práticas psicossociais entendemos todo tipo

de relação, ou melhor, todo tipo de experiência vivida pelos membros de uma mesma comunidade, sejam elas intelectuais, morais, afetivas, lingüísticas, comportamentais, etc. Essas experiências são naturalmente apreendidas por cada indivíduo de maneira bastante singular. Esta singularidade vai ser representada nos discursos produzidos pelos sujeitos sociais, pois

... todo ato de fala é fato de um indivíduo particular que é ao mesmo tempo um ser coletivo e individual, quer ele se atribua a função de produtor de fala ou de interpretante.

(Ibid, p. 2)

Por todas estas considerações podemos perceber que emissor e receptor fazem mais do que transmitir e receber informações e que a sua atuação enquanto seres produtores de discurso merece um estudo mais detalhado.

Para isto, seguiremos o esquema proposto por Charaudeau, o qual consideramos eficiente no sentido de elucidar o processo de organização dos discursos. Neste momento, colocaremos também as questões relativas às condições de produção dos discursos e, num último espaço, a maneira pela qual os discursos são investidos de significação. Nos apoiaremos para isso nos pontos de vista elaborados por Bakhtin (1981), Verõn (1980) e Pêcheux (1969).

Por aquilo que vimos até o momento, fica perfeitamente clara a vinculação da linguagem com o social. Indiscutível a questão de que o homem vive e se organiza segundo as normas do grupo social no qual ele está inserido. Indiscutível também o fato de que é pela linguagem que os indivíduos se encontram e se reconhecem como sujeitos sociais. Por estas evidências, para que um ato de fala se realize, é preciso que

... locutor e ouvinte pertençam à uma mesma comunidade lingüística, a uma sociedade organizada... é necessário que estes dois indivíduos estejam integrados na unicidade da situação social imediata... que tenha uma relação de pessoa para pessoa sobre um terreno preciso... é apenas sobre este terreno que a troca lingüística se torna possível.

(BAKHTIN, 1981:70)

Isto confirma o fato de que um discurso ocorre sempre numa determinada situação e de que esta situação é sempre social. Este aspecto do social envolvido na produção dos discursos é um dos fatos que contribuem para que sejam formalizadas as condições de produção dos discursos. Outro, é o papel que estes sujeitos sociais ocupam no seio da sociedade em que vivem e das possíveis relação que entre eles possa existir. Por papel devemos entender não somente o lugar ocupado pelos indivíduos na hierarquia social mas também o papel que "EU", sujeito produtor de discurso, atribui ao "TU", sujeito receptor de discurso. O contrário é verdadeiro na medida em que "EU" e "TU", como já vimos, alternam suas posições no decorrer do ato de fala. Isto equivale a dizer que os sujeitos participantes de um ato de fala são mais que presenças físicas neste ato. Eles

... designam lugares determinados na estrutura de uma formação social... e estes lugares são representados no processo discursivo onde eles estão colocados em jogo... o que funciona no processo discursivo é uma série de formações imaginárias designando o lugar que "A" e "B" se atribuem cada um a si mesmo e ao outro, imagem que se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.

(PÊCHEUX, 1969, 18-9)

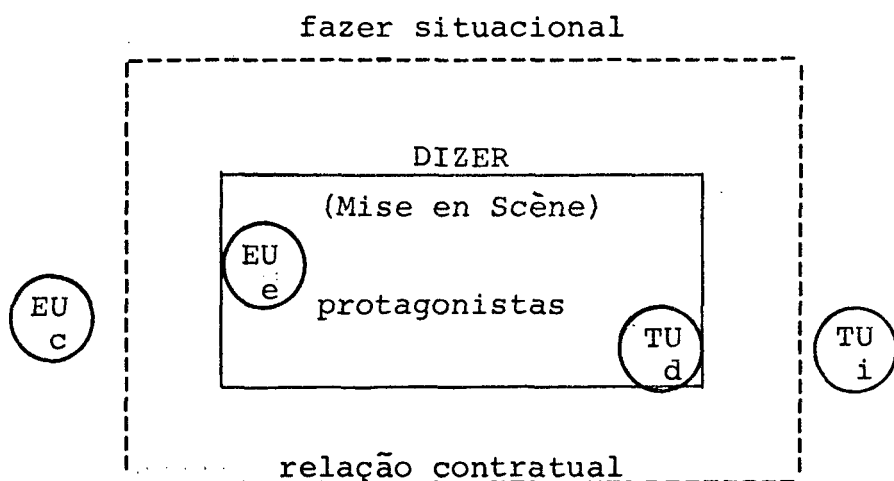
Desta forma, partilhamos não só dos conhecimentos do mundo que nos envolve e ao nosso interlocutor como também supomos coisas

sobre este interlocutor. Ele também assim o faz em relação a nós, locutores. E desta maneira é que a linguagem se instaura como jogo entre "parceiros" (termo usado por Charaudeau), que dividem seus conhecimentos sobre o mundo, que o representam pelo ato de fala através de sua enunciação (neste momento se transformam em protagonistas), e que fazem suposições um sobre o outro com a intenção de orientar o seu discurso. Esta orientação implica a utilização de determinado tipo de estratégia com o fim de causar um determinado tipo de efeito. Assim, se concretizam as circunstâncias da produção de discurso, como

... o conjunto de saberes supostos que circulam entre os protagonistas da linguagem, saberes supostos sobre o mundo, as práticas sociais partilhadas e os saberes sobre os pontos de vista recíprocos destes protagonistas, os filtros construtores de sentido.

(CHARAUDEAU, 1983:25)

Para melhor perceber esta situação, propomos o quadro elaborado por Charaudeau.



Considera o autor que o ato de fala é um fenômeno que combina o "fazer" (le faire) e o dizer (le dire). Assim, é de se supor que os sujeitos que participam deste ato sejam destituí-

dos de sua totalidade para que possam funcionar dentro des duplo contexto. Naturalmente que este desmembramento dos sujeitos ocorre ao nível da hipótese, visto que o ato de fala é um ato totalitário. Desta maneira há que se entender que, se na prática as coisas acontecem simultaneamente, na teoria é preciso que se pressuponha este deslocamento dos sujeitos para que se possa compreender como eles agem quando inseridos num ato de fala.

Charaudeau distingue os níveis do "fazer" e do "dizer", argumentando que o primeiro "é o lugar da instância situacional que se define pelo lugar que ocupam os responsáveis deste ato nesta instância". Eles seriam definidos pelo nome de "parceiros" (*partenaires*), implicada nesta noção a idéia de "pessoas associadas", numa relação de reciprocidade dentro do contexto de "fazer/valer" (*faire/valoir*). A estes parceiros Charaudeau chama de "sujeito comunicante" (EU_c) e de "sujeito interpretante" (TU_i). Sendo o nível do fazer colocado no circuito externo do ato de fala, estes sujeitos, comunicante e interpretante, aí também se situam, a partir de uma "relação contratual" já comentada anteriormente (*sujet communicant/sujet interpretant*).

Quanto ao nível do dizer, Charaudeau o define como sendo o "lugar da instância discursiva que se define ela mesma como uma *mise en scène* da qual participam os seres da palavra". Estes seriam os "protagonistas" (*protagonistes*). Devem ser compreendidos, segundo a orientação de Charaudeau, como atuando dentro de uma relação de "protagonista/função ocupada por..." e não no sentido estrito (teatral) como "protagonista/ator". Estes protagonistas existem dentro do contexto do ato de fala ao nível do circuito interno, isto é, do dizer. São nomeados como "sujeito enunciador" (EU_e) e "sujeito destinatário" (TU_d), (su-

jet énonciateur/sujet destinataire).

Desta forma temos constituídos não dois participantes do ato de fala como é previsto (se pensarmos em emissor/receptor), mas quatro. É nesta manifestação que Charaudeau cria a possibilidade da descoberta do real funcionamento dos atos de fala. É no desdobramento do "EU" e do "TU" que se encontra a justificativa de como e por que nos encobrimos ou nos revelamos no jogo sutil da linguagem.

Resumindo o que até agora foi comentado, nos utilizamos das palavras de Charaudeau dizendo que,

... assim, o ato de linguagem seria o acontecimento não de dois, mas de quatro protagonistas que possuem status diferentes e que determinam desta maneira dois circuitos de troca: um externo que é o lugar das condições de produção e de interpretação da linguagem sobre o qual estão colocados em cena um "EU_c" e um "TU_i" como seres que agem; um circuito interno que é o lugar onde estão colocados em cena um "EU_e" e um "TU_d" como seres da palavra.

(CHARAUDEAU, 1982-A:7-30)

Para Charaudeau, "é o sujeito comunicante" (EU_c) o parceiro que tem a iniciativa do processo de produção de um discurso. Este deve ser considerado como um ser agente dentro deste processo. Ele se dirige sempre a um sujeito destinatário (TU_d) "que ele acredita ser adequado à sua intenção lingüística". Acontece que este TU_d não é simplesmente um receptor de mensagem. É um sujeito que também age ao produzir uma interpretação fundamentada naquilo que ele conhece ou supõe conhecer sobre o "EU_c".

Assim, se considerarmos que o "EU_c" é um ser agente em função de que é ele quem possui a iniciativa da produção de um

discurso, também o "TU_i" que interpreta (e que é um desdobramento do "TU_d" pode ser considerado como um ser agente, não ao nível da produção mas da interpretação de um discurso.

Outra característica interessante do "TU_i" é a que decorre do fato de ser ele um ser totalmente independente. Isto se explica na medida em que constatamos que, quando um "EU_c" se dirige a um "TU_d", ele imagina que este destinatário está apto a aceitar sua mensagem, ou seja, que esta mensagem lhe é transparente. Quando isto não ocorre, isto é, quanto o "TU_i" apareça agindo através de uma interpretação que não era prevista pelo "EU_c", este se desconcerta porque percebe que, atrás do "TU_d", existe um outro "TU" que é o "TU_i", o qual foge ao seu controle.

Desta maneira, para que o "EU_c" possa agir sobre o "TU_d", é preciso que ele também se desdobre, transformando-se num "EU_e", que servirá de máscara para o "EU_c". Esta máscara será a da palavra que representará a possibilidade que "EU_c" encontra para se esconder ou mesmo revelar suas intenções e para efetivamente agir sobre o "TU_i".

Por todo este quadro que foi colocado como explicando o comportamento dos sujeitos que participam do ato de fala, pode-se perceber com clareza por que o "EU_c" e o "TU_i" são os seres que agem dentro deste ato. Na realidade, o "EU_e" e o "TU_d" são apenas os instrumentos para que o "EU_c" e o "TU_i" possam agir.

Através da atitude de "EU_e" e de "TU_d", seres da palavra que podem marcar a real intenção de um "EU_c" e de um "TU_i", fica mais uma vez configurada a idéia de que, mais que um instrumento de comunicação, a palavra é o veículo mais eficaz da revelação dos comportamentos, das intenções, das ideologias existentes em uma comunidade. Poucos são os que percebem o seu poten-

cial. Apesar disto, dela fazem uso, consciente ou inconscientemente, revelando-se ou ocultando-se atrás dela.

Se por um lado a maioria das pessoas ignora os procedimentos teóricos que as conduzem a agir lingüisticamente desta ou daquela forma, por outro é também verdade que estas pessoas podem ser consideradas grandes atores. Temos, todos, uma capacidade irrecusável para participarmos da encenação diária do jogo da linguagem, pelo simples fato de vivermos em comunidade. Nossa atuação lingüística deve e pode ser considerada exímia se pensarmos em como, "desconhecendo" as regras, jogamos tão bem o jogo.

A linguagem existe em e para todos. E aprendemos a lidar com ela por uma questão de sobrevivência nesta sociedade. E se representamos através dela, é talvez porque, na realidade, esta seja a única maneira que dispomos para efetivar perante nós mesmos e perante o outro a nossa visão de mundo e a nossa postura diante da vida. O ato de representar o mundo através da linguagem não deve ser interpretado como um desvio, mas sim como um caminho, e se é um caminho, é porque tem sentidos.

Este caminho é o que mostraremos na seqüência deste trabalho. Através das idéias de Charaudeau podemos perceber como agimos por meio de um ato de fala. Cabe agora analisar como aquilo que produzimos no decorrer deste ato de fala significa alguma coisa para nosso interlocutor e aonde esta significação nos conduz. Isto é importante na medida em que compreendemos que agimos lingüisticamente estimulados pelos efeitos que em nós causam as palavras de nosso interlocutor, e ainda porque

... a significação do enunciado residiria, então, menos no que ele diz do que na orientação que dá à seqüência do discurso. Descrever um enunciado seria, antes de qualquer coisa, descrever aonde ele conduz.

(VOGT, 1980:141)

Reorganizando as colocações feitas até o momento, verificamos que já comentamos sobre as condições de produção do discurso fazendo ver a sempre presente ligação entre a linguagem e o fato social. Também já mencionamos como estas condições têm a ver com o lugar dos produtores desse discurso no grupo social em que vivem. Ao colocarmos agora as questões relativas ao sentido que norteia os discursos, isto é, as "operações de investimentos de sentido nas matérias significantes" (VERÓN, 1980:82), entramos no que se chama processos de produção de discurso.

Assim, o conjunto das condições de produção e dos processos de produção de discurso nos levam aos modos de produção de sentido nesses discursos. Estes dois momentos são "não apenas complementares mas, também inseparáveis" (ibid, p. 82). Isto fica claro se percebermos que o ato de fala se estrutura sempre de maneira totalitária, cujo sentido é evidenciado na e pela enunciação.

Por uma questão de metodologia e também pela arbitrariedade com que os termos significação e sentido são usados, faremos uma distinção entre eles, fundamentada no nosso ponto de vista pessoal. Entenderemos por significação, o valor que uma palavra adquire dentro de uma sociedade, qual seja, o valor que lhe foi atribuído pelos membros desta sociedade em função de uma prática convencionada. Por sentido, entenderemos o direcionamento tomado por um discurso, isto é, "para onde ele conduz" (VOGT, 1980:141). Assim viabilizada a questão, podemos dizer que toda palavra possui uma significação que é determinada pelo contexto social onde ela existe ou significa, mas que só adquire um sentido no momento de sua enunciação, ou seja, de seu uso efetivo como parte integrante de um processo discursivo que ocor-

re por sua vez numa circunstância específica.

Diante disto verifica-se que uma palavra possui uma dupla existência. Ela vive um conflito entre a sua unicidade e a sua multiplicidade de valores. É una, enquanto possuidora de um valor atribuído, é múltipla enquanto possuidora de um sentido adquirido num determinado contexto de uso. Esta multiplicidade se explicaria pela existência dos inúmeros contextos onde esta palavra poderia ser utilizada.

A noção de contexto merece ser analisada neste momento. Dizer que um contexto é diferente do outro e daí a pluralidade de valores de uma palavra não suficiente para justificar a idéia. E se a diferença de contextos é uma realidade mais que visível, ela não deve significar que haja um distanciamento de um contexto para com o outro, pois

... os contextos não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto.

(BAKHTIN, 1981:106)

Esta situação de interação e de conflito se reflete em todos os momentos da vida dos indivíduos. Da mesma forma que um pensamento, uma atitude, um sentimento não existem por si sós, pois são sempre a somatória de diversos fatores, a enunciação também não se realiza desprovida de motivação e de fundamentação. Muito menos adquire sentido apenas por estar situada neste ou naquele contexto.

Quando se diz que é o contexto que define o sentido de uma ou mais palavras é porque este contexto representa mais que um lugar fechado em si mesmo. Ele é a soma dos diferentes mundos em que vivem as pessoas. É também, e sobretudo, o reflexo

de suas experiências pessoais e sociais. Assim, ao produzir um discurso numa determinada situação, um indivíduo não está somente dando um sentido às suas palavras mas à sua própria vida. E quando se dá tanta importância às condições em que os discursos são produzidos, é porque neles estão incorporadas as marcas da experiência vivida pelos indivíduos que os produzem. Estas marcas se imprimirão nos discursos de maneira consciente ou não.

Desta forma, dar sentido a uma matéria significativa, ou seja, ao discurso, é marcá-lo ideologicamente. Quando assim o fazemos, ampliamos o valor da linguagem dando-lhe uma dimensão mais humana e verdadeira.

Ficam eliminadas definitivamente, a partir deste posicionamento, as considerações que aludem à linguagem com uma função de "mensageira". E configura-se claramente a sua exata finalidade, que é a da troca de experiências entre os protagonistas do ato de fala, cujo objetivo é conduzi-los a um universo maior, qual seja, o do conhecimento do mundo. E toda e qualquer tentativa de conhecimento através da linguagem é uma tentativa de conhecimento do mundo.

E quando estas trocas acontecem, o discurso que emitimos e/ou recebemos é um discurso que tem em si a interferência de outros discursos, de outros mundos além daquele em que o ato de fala se inscreve. A esta interferência do mundo nos discursos produzidos chamamos "intertextualidade". Trata-se,

... no processo de produção de um certo discurso, do papel de outros discursos relativamente autônomos que, embora funcionando como momentos ou etapas da produção, não aparecem na superfície do discurso "produzido" ou "terminado".

(VERÓN, 1980:80)

Estes discursos "ocultos" devem ser compreendidos como parte essencial da produção de sentido dos discursos, porque uma enunciação não se encontra limitada pelos contornos de um contexto, embora nele revele seu sentido.

Esta enunciação, aquilo que foi dito, não encontra seu valor simplesmente por ter sido dita mas sobretudo por aquilo que quer dizer. Só perceberemos isto com clareza na medida em que nos dermos conta de que, como praticantes inveterados do jogo da linguagem, dizemos o que queremos mas nem sempre de forma explícita.

Em verdade, funcionamos lingüisticamente muito mais na base do que não foi dito. É este não dito, este implícito do discurso, que realmente dá sentido ao que é dito explicitamente. Estes dois aspectos funcionam naturalmente como uma totalidade, pois nada na língua é totalmente explícito ou implícito. É justamente o intervalo que os separa que instaura o jogo lingüístico. E este é um dos pontos mais interessantes do estudo sobre os discursos porque ele nos revela a habilidade que possuímos para nos utilizarmos das palavras, fazendo delas instrumentos para nossas intenções.

A questão do explícito/implícito no uso da linguagem é indiscutível. Podemos percebê-la facilmente se assim o desejarmos. Acontece que nem sempre o desejamos porque tomar conhecimento dela seria muitas vezes confessar nossa (mã) intenção. Ela está tão incorporada à nossa atitude lingüística, que

... mesmo que o queiramos, não podemos produzir um ato de fala desprovido de sua dimensão implícita.

(CHARAUDEAU, 1982-A:7-30)

Esta colocação a respeito dos elementos explícitos e implícitos no uso da linguagem faz com que possamos dizer que este duplo movimento é parte constitutiva do ato de fala e, como tal, se situa dentro do que chamamos anteriormente de condições de produção de discurso. Redenominamos aqui estas condições e passamos a utilizar a denominação de condições de produção/interpretação de discurso, visto que todo ato de fala prevê estas duas ações. Assim, podemos re-definir o ato de fala como o conjunto das circunstâncias de produção/interpretação de discurso e dos processos de produção de discursos que nos conduzem aos meios de produção de sentido destes discursos.

Desta maneira, cabe aos protagonistas do ato de fala vivenciar estas circunstâncias e apreender os seus sentidos.

Concretiza-se, então, o ato de fala como o meio mais eficaz para o estabelecimento das relações entre os homens, cujo resultado deveria proporcionar-lhes um maior e mais profundo conhecimento de si mesmos, do outro e do mundo. Se assim não acontece, não é necessariamente porque a linguagem não cumpre sua finalidade mas sim porque os homens dela fazem uso mais para expor o que possuem de mau que de bom.

Pensando nisso podemos compreender por que tantos de nós somos atingidos pelas palavras, ou por aquilo que se esconde atrás delas. E o que se esconde nada mais é do que a intenção de nosso interlocutor. É esta intenção o que na realidade nos atinge. Boa ou má ela existe e é dentro desta expectativa que os homens vivem e se relacionam socialmente, afetivamente, porque

... a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre meu interlocu-

tor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

(BAKHTIN, 1981:113)

Sendo assim, é necessário que se comente sobre estas intenções. Já dissemos anteriormente que praticar um ato de fala é uma atitude que não pode ser considerada ingênua. Quisemos com isto antecipar esta questão sobre a intencionalidade nos discursos. Ela é parte constitutiva dos processos discursivos e, como tal, anda de par com as palavras. Questionar esta idéia e pressupor a existência de um discurso neutro é pensar na utopia porque a linguagem está definitivamente marcada não só pelas idéias do homem mas também por suas intenções.

Para compreender isto basta que nos coloquemos na realidade de um ato de fala. Nenhum discurso é produzido aleatoriamente, mesmo que não tenhamos consciência disto.

Quando falamos, temos certas intenções, sejam elas quais forem. Algumas vezes a intenção é convencer, outras é afirmar, outras relatar apenas. Independente de sua motivação, a intenção existe e se explica pela necessidade que os participantes de um ato de fala possuem de atingir um determinado objetivo, provocando uma determinada reação nos seus interlocutores. Caso esta reação se efetive, significará que a intenção foi, não só aceita como também compreendida, porque

... compreender uma enunciação é, neste sentido, apreender essas intenções.

(KOCH, 1984:24)

Pode acontecer que, em determinadas circunstâncias do dia a dia, não nos interesse "compreender" as intenções de nosso interlocutor. Isto nos levará a um corte na seqüência do ato de fala ou a uma mudança de discurso. Não significará, porém, uma

não compreensão da intenção. Representará tão somente a nossa capacidade de jogar com as palavras, fazendo com elas o jogo que, no momento, nos convier.

Neste sentido também pode a linguagem, o ato de fala, ser percebido como uma atividade na medida em que, participando deste ato fazemos alguma coisa quando falamos, este fazer sempre com a intenção de atingir nosso interlocutor.

Isto acontece em dois níveis: a maneira como falamos, isto é, a força que damos à enunciação que produzimos e, a partir desta força, o efeito que causamos em nosso parceiro. Este duplo movimento é um dos elementos constitutivos do ato de fala. Assim o perceberam Austin e Searle quando os denominaram "ato ilocucionário" (a força) e "ato perlocucionário" (o efeito).

Completando tudo que até aqui falamos sobre os atos de fala, cabe-nos mencionar a questão da argumentação, sem a qual nenhum ato se efetivaria.

Se por um lado, um ato de fala se realiza pela participação de indivíduos produtores de um certo discurso numa determinada circunstância; se esta produção acontece em função de algo muito maior que a simples transmissão de uma mensagem; se o conhecimento do mundo em que vivem estes indivíduos e o conhecimento que supõem possuir um sobre o outro interferem nesta produção; se este discurso é investido de sentido em função das condições de sua produção e dos processos que o levam de encontro a este sentido; se as marcas da vida vivida pelos produtores dos discursos se imprimem nos seus próprios discursos; por outro lado nada disso significaria se o discurso produzido não tivesse o elemento unificador de todos os outros elementos que o constituem.

Este elemento é a argumentatividade. Através dela efetivamos nosso discurso, dando coesão a nossas idéias, estruturando nosso pensamento, dando sentido às nossas palavras. A argumentação se evidencia através de marcas lingüísticas cuja função primeira é transformar frases em texto,

... revelando uma conexão entre as intenções, as idéias e as unidades lingüísticas que o compõem, por meio do encadeamento de enunciados dentro do quadro estabelecido pela enunciação.
(Ibid., p.22)

Assim compreendendo, podemos dizer que a argumentação é parte constitutiva essencial da produção de discursos e que

... o ato de argumentar constitui o ato lingüístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia.
(Ibid., p.19)

Assim completamos o quadro teórico que consideramos importante para a elaboração desta pesquisa e que servirá de apoio e justificativa para a análise dos dados que constituem o "corpus" desta proposta de trabalho.

Isto significa que, para analisar o discurso dos menores abandonados institucionalizados, levaremos em conta sobretudo o contexto em que estes discursos foram produzidos. Suas histórias de vida também ocupam lugar privilegiado nesta análise, pois nos levarão ao encontro da ideologia que os define perante si mesmo e o mundo.

Compreender e assimilar a profunda vinculação da linguagem com o fato social foi fundamental. Perceber a palavra como veiculadora desta realidade ampliou nossa visão de mundo.

Ouvir, registrar, transcrever, analisar a história destes menores e constatar nossa impotência diante dela, foi triste.

Capítulo III

AFETIVIDADE - VALORES E PERSPECTIVAS

... grava-se alguma coisa com um ferro em brasa para fixá-la na memória: somente o que não para de causar dor é conservado na memória.

(Nietzsche, apud H. Michel, 1985:27)

Falar de afetividade pensando em crianças abandonadas, seja nas ruas ou em instituições, é, sem sombra de dúvida, falar da falta que esta lhes faz.

Esta idéia deverá nortear a presente discussão sobre a afetividade. Será sempre pensada como uma ausência na vida destas crianças, porque como tal existe em seus discursos, a partir das histórias que nos foram contadas. Este fato será demonstrado na seqüência da discussão.

A ausência é tão profunda e tão incorporada às suas almas que, pela necessidade que têm de elos afetivos, parece até que já os experimentaram.

Durante o período em que viveram com suas famílias, estas crianças, em sua maioria, tiveram na imagem da mãe a sua fonte de afeto — mesmo que este, em função das precárias condições de vida material, moral e afetiva não tenha sido o ideal, ou melhor, aquele por elas imaginado, como tal ficou em suas memórias.

O desligamento da mãe e a ida para a instituição é, para todos, o momento mais dramático. É a indicação mais evidente

do rompimento irreversível com a família. É o ponto de partida para a vida solitária e de abandono à qual se sentem condenados.

A rejeição em alguns casos, em outros a falta de condições, e ainda tantos outros motivos, jamais justificarão perante estas crianças a situação à qual ficaram submetidas.

Perdido o afeto natural da mãe, difícil será encontrar, na instituição, outro que se lhe assemelhe, porque

... se a criança é abandonada por sua mãe no curso do segundo ano, mais dificilmente aceitará uma figura substitutiva (...) reagirá energeticamente atravessando um estado de angústia e depressão aguda...

(ASSUNÇÃO, 1972:269)

Sendo assim, fica claro que, no que se refere à afetividade, a carência da criança abandonada está diretamente ligada à ausência da figura materna. Esta ruptura conduzirá a uma outra mais profunda com o próprio mundo que a cerca, pois

... é o amor de mãe o principal elemento para a criança desenvolver sua capacidade de amor e cólera. Os que não desenvolvem nem o amor nem a cólera tornam-se apáticos, amorfos, indiferentes, silenciosos...

(Ibid., p.269-70)

Esta maneira de ser realmente se constitui numa das características mais concretas destas crianças, como pudemos perceber durante o ano em que convivemos com elas. Ela as leva de encontro a uma "afetividade atípica" (Tizard, apud Guirado, 1986: 20). Isto significa "uma alteração de sua relação com os outros e uma sociabilidade em geral diferente da daquelas crianças que vivem em seus lares" (ibid., p.21-2).

Como consequência mais dramática do quadro de separação

da mãe e do internamento na instituição, se situa uma dificuldade enorme da parte destes menores em "estabelecer vínculos afetivos pela impossibilidade de confiar e de se identificar com outros..." (BOWLBY, apud Guirado, 1986:24).

Em condições de vida afetiva normais, a relação da criança com a linguagem é vital. Como vimos, a linguagem socializa o indivíduo, é a ponte que serve de ligação para o caminho que o leva ao encontro de si mesmo, do outro e do mundo. Através dela é possível estabelecer as relações necessárias para que um EU e um OUTRO se situem no mundo em que vivem.

No momento em que a linguagem acontece na vida da criança, a presença da mãe é também fundamental. Há, nesta situação, a possibilidade de "troca". Mãe e filho verbalizam sentimentos e emoções. Partilhar esta experiência com a mãe e/ou com outros é prazeroso para a criança. A linguagem se torna um objeto de referência, de vínculo. A partir daí a criança desenvolve sua capacidade de aceitar, recusar, conhecer, opinar sobre todas as coisas. Tendo o domínio da linguagem e vivendo esta possibilidade numa relação efetiva com a mãe, a criança adquire o domínio sobre si mesma e passa a existir; manipulando a palavra ela aprende a manipular a vida, porque

... a palavra é o mais fiel, o mais universal e o mais manejável dos objetos transicionais.* A criança pode daí conservar os traços indelêveis, mobilizá-los, recriá-los a vontade (...) a criança possui o controle ativo de seu destino (...) pode suportar o estar ou não com alguém (...) realiza simbolicamente a acomodação do inconciliável: pode tornar presente o ausente.

(AIMARD, 1981:25-6)

*objeto transicional: noção introduzida por Winnicott; é o urso de pelúcia, o canto da coberta, o pano velho ao qual a criança se liga... nos momentos de solidão ou aborrecimento. É ao mesmo tempo exterior à criança e investi-

A criança abandonada também desta chance está privada. O movimento lúdico da linguagem lhe é desconhecido. Mesmo quando em companhia da família, sua palavra não tem volta. A miséria moral e material em que vive esta família não permite devaneios afetivos. Como também não permite que os olhares e as palavras dirigidos à criança sejam aqueles de quem come, dorme e acorda pela manhã com vontade de viver. Na casa do desalento, abrir os olhos pela manhã já é heróico.

Diante desta realidade que, de tão dura às vezes nem parece real, vive o menor carente (de tudo) que logo será o menor abandonado e que, sem outra perspectiva melhor, se transformará no menor infrator e/ou delinqüente.

Cabe, em função do que acabamos de colocar, levantar uma questão importante. Esta se refere à noção de "carência afetiva".

A palavra carência está ligada às noções de "falta", "ausência". Pode ter um referente material e/ou emocional. No caso de sua vinculação à "afetividade", deveria ser (como aliás o é) compreendida como um tipo de falta que faz parte e ao mesmo tempo caracteriza o menor em questão. Percebida desta forma, a "carência afetiva"...

... parece fazer um cerco que estigmatiza o interno como se tivesse a ver com ele e, uma vez nele, constituísse o que de "humano" tem o "menor".

(GUIRADO, 1986:199)

do como uma parcela ou um substituto da presença materna. A criança o toma, o sente... Ele é assim fonte de prazer e de segurança, tendo ocasião de colocá-lo em lugar da mãe. Ele permite à criança um "clima intermediário" entre ela mesma e outrem ou ela mesma e a realidade. O objeto transicional tem assim um estatuto excepcional, ao mesmo tempo real, em sua materialidade, e não real por suas funções: é o "clima da ilusão".

Na realidade, a compreensão do conceito de carência afetiva vai além destes limites. Ela deve ser apreendida como algo mais que "uma espécie de caos sentimental" (ibid., p. 46). Para isto é preciso que se assimile a noção de afeto à noção de uma experiência relacional. Isto se explica na medida em que se compreenda a questão da afetividade como um aspecto que faz parte essencial da vida humana e que só se efetiva perante a existência de uma relação com o outro. A partir desta relação é que os vínculos serão estabelecidos e a afetividade poderá então ser vivida, ocupando na vida dos indivíduos um lugar privilegiado.

Em relação aos menores abandonados este vínculo é rompido num determinado momento de suas vidas, geralmente no período dos dois aos cinco anos, quando não, mais cedo ainda. Rompido o vínculo, está eliminada a possibilidade da experiência afetiva. E surge a falta, não como parte constitutiva de seu caráter ou de sua personalidade, mas como condição imposta pelo rompimento dos vínculos familiares.

A impossibilidade de restabelecer estes vínculos se mantém na instituição. Esta não se dá conta de que a falta não está na criança, mas naquilo que se rompeu quando do internamento. Passa então a agir tentando corrigir o menor em vez de tentar restabelecer vínculos. Por este motivo encontramos nos prontuários destas crianças rotulações que consideramos inconsistentes, falhas e até mesmo irresponsáveis, porque não dão conta da história de cada menor como uma individualidade. Os rótulos são padronizados em sua grande maioria. Expressões tais como: "menor carente", "menor com baixo limite de resistência às frustrações", "menor com dificuldades para lidar com situações afetivas" e assim por diante, não nos parecem reveladoras. Qualquer

indivíduo pode ser desta maneira qualificado, independente de ser ou não abandonado. O que pretendemos dizer com isso é que tais laudos não fazem com que a atitude da instituição se modifique de um menor para o outro.

A competência da instituição não se constitui como parte deste trabalho, assim, nos limitamos a citá-la quando houver necessidade da comprovação de alguns dos dados referentes aos menores.

Percebida a questão da carência afetiva como resultado de um rompimento dos vínculos afetivos, a falta que advém deste rompimento pode melhor ser compreendida em termos de sua representação no discurso dos menores abandonados institucionalizados que se constituíram em sujeitos desta pesquisa.

Ao iniciarmos o trabalho, partimos de um princípio que serviu de apoio para a organização teórica e prática. Este foi o de que, sendo a linguagem o reflexo da experiência, importante seria analisá-la sob o ponto de vista de seu uso (pragmática) na medida em que, o modo como ela é usada identifica as relações sociais em que ela se insere.

Assim, a criança em questão, privada de convivência familiar e social normais, deveria, em princípio, possuir um discurso onde efetivamente a ausência de determinadas experiências de vida, tal como a afetividade, se constituiriam também em marcas de ausência, de rupturas na sua experiência lingüística.

Pensamos isso, basicamente, em termos de relações e de representações, que em tese, deveriam aparecer nos discursos. Esta possibilidade viabilizou-se na medida em que um grande número de leituras foi nos conduzindo àquelas questões.

Definir o que realmente iríamos buscar como sendo marcas

de afetividade, ou de sua ausência, no discurso destes menores, tornou-se complexo. Isto porque a afetividade se estende de tal modo a todos os setores da vida humana que, delimitá-la dentro de uma definição seria tirar-lhe o caráter abrangente e significativo que possui.

Achamos que, sem dar-lhe uma definição, bastava que compreendêssemos os valores que lhe são atribuídos.

Basicamente a palavra afetividade está ligada a valores positivos, tais como: amor, amizade, família, prazer, sentimento, emoção, carinho, paixão... etc. Possui também uma conotação de alguma coisa subjetiva, vivenciada particularmente pelos indivíduos, implicada nesta experimentação, a relação entre os seres que a experimentam. Confirma-se aqui, o caráter relacional da afetividade.

Decidir pelo estudo da afetividade no discurso dos menores abandonados deveria significar, antes de qualquer outra coisa, compreender as ausências de suas vidas. E como a afetividade é uma questão de sobrevivência para todos, estes menores, apesar de não possuírem a chance de exercitá-la, deveriam encontrar uma maneira de torná-la presente em seus discursos.

Acreditamos nisso pelo fato de acreditarmos na capacidade do ser humano de juntar seus sofrimentos e suas perdas, transformando-os. Mesmo que transformar signifique somente representar as relações imaginadas com as reais condições de suas vidas.

Este é um caminho entre muitos. Para as crianças abandonadas é o único.

Partimos para a análise dos dados em busca de elementos que marcariam a afetividade, presente ou ausente, e os valores a ela atribuídos pelos menores.

Acreditamos que em função de sua história de vida, os valores que encontraremos se constituirão em valores negativos, do tipo infelicidade, dor, desafeto, desamor, falta de...

Esta é uma hipótese que se apóia no fato de que não trabalharemos com a presença da afetividade no discurso dos menores, mas com sua ausência. Os valores só serão positivos, do nosso ponto de vista, se a capacidade de representarem nos seus discursos a afetividade ausente de suas vidas for maior do que a que imaginamos possível para seres que, como eles, vivem do abandono e da solidão.

De qualquer maneira, o que vamos procurar nestes discursos são as marcas da afetividade, as relações que estas marcas possuem entre si, a representação que delas emana, e sobretudo, as relações entre estas representações e a realidade que elas representam.

Para isto será de fundamental importância perceber os elementos que suportam estas relações, servindo-lhes de apoio estrutural e de coesão dentro dos discursos em que se inserem.

Registramos aqui que o tratamento teórico da questão da afetividade mereceria uma exploração impossível de ser efetuada neste momento. O fundamental, contudo, para nós, é a assunção da ausência de afetividade como rompimento social de vínculos.

Capítulo IV

O DISCURSO DO MENOR ABANDONADO

1. Os caminhos da pesquisa - A FUCABEM

No dia 13 de dezembro de 1984 atravessamos pela primeira vez os portões do Centro D. Jayme de Barros Câmara, no município de Palhoça, a meia hora de Florianópolis.

A intenção da visita era a de estabelecer um primeiro contato com a obra e com seus diretores e também verificar a possibilidade da realização da pesquisa junto aos menores internos daquela obra. Fomos munidos de uma carta de apresentação da Universidade Federal de Santa Catarina assinada pelo professor orientador.

Fomos recebidos com cordialidade e atenção, atitude esta que permaneceu durante todo o ano em que lá estivemos para a realização da pesquisa. Isto facilitou bastante o andamento do trabalho. Este fato é aqui mencionado por não se constituir em um fato normal. Geralmente, as pessoas que trabalham neste tipo de instituição não se mostram acessíveis, dificultando o trabalho dos pesquisadores por se sentirem ameaçados e desnudados em seus procedimentos junto aos menores.

Assim, tendo sido facilitado o acesso à obra e aos menores, fomos nos integrando pouco a pouco à vida dos funcionários e dos menores da Fucabem. Durante quatro meses fizemos visitas semanais à obra. Nestes dias (três/semana) almoçávamos lá junto com os funcionários, num refeitório comum aos menores (internos/externos).

Com o auxílio do Coordenador Técnico e de outros funcionários tomamos conhecimento do funcionamento daquela instituição, nos inteiramos sobre o tipo de clientela, sua origem, sua situação sócio-econômica, o motivo do seu internamento, a faixa etária, o nível de escolarização, o número de clientes e seus problemas mais gerais.

Paralelamente, fomos estabelecendo os primeiros contatos com os menores. Isto se deu de maneira bastante informal, durante o almoço, intervalo de aulas, passeios pelo pátio. No princípio eles se mostraram bastante curiosos frente a uma nova presença na obra. Questionavam os funcionários sobre a nossa pessoa. Dissemos a eles que estávamos fazendo um trabalho sobre a vida deles para a universidade e isto de certa maneira os tranquilizou. Estes primeiros encontros foram importantes na medida em que tanto o pesquisador quanto os menores foram se habituando um à presença do outro, transformando-se estes encontros em um fato corriqueiro dentro do dia-a-dia da obra. Com o tempo, o pesquisador não era mais uma nova presença, era apenas mais uma presença.

Em termos de organização e infra-estrutura, a Fucabem/Palhoca apresenta dados interessantes e até surpreendentes. Foi fundada em 30/07/75, atendendo a recomendação da Fucabem a todas as unidades da federação no sentido de que fossem criados órgãos para "promover com maior eficácia a promoção social do menor".

Em termos de localização, ela ocupa um espaço privilegiado de 12.500 m², onde se encontram estruturados e em funcionamento: uma escola que conta com 25 professores (1º grau); uma creche com 15 professores que atende crianças da comunidade; uma

cozinha que atende aos funcionários e menores (servindo três refeições ao dia); uma gráfica; uma padaria; um aviário; uma horta; oficinas de marcenaria, sapataria, lapidação e cerâmica. Tudo isto é utilizado em função dos menores e também é aberto à comunidade. A Fucabem conta ainda com uma banda formada pelos menores, cujos instrumentos são de ótima qualidade.

Na época da pesquisa, duzentas e quarenta pessoas trabalhavam na Fucabem. Destas, um técnico de nível superior, outro de nível médio; um supervisor de programas; dois psicólogos; um psiquiatra; um neurologista; seis assistentes sociais; trinta e dois monitores; auxiliares administrativos, operacionais e serventes. (Por problemas internos, durante a pesquisa, os psicólogos, o psiquiatra e o neurologista foram afastados da obra).

No que se refere aos menores, a Fucabem/Palhoça atende mais de novecentas crianças de 0 a 18 anos. De acordo com informações obtidas junto aos técnicos, a obra encontra-se fora do seu objetivo em relação ao tipo de clientela. Esta deveria se constituir somente de menores carentes e/ou abandonados. Isto acontece porque os menores que não se enquadram nesta classificação, isto é, os qualificados como possuindo desvio de conduta leve ou infratores, são encaminhados ao Centro D. Jayme de Barros Câmara por ordem judicial até que haja vaga nas obras adequadas tal como o Centro Educacional S. Lucas e S. Mateus, situado em Florianópolis.

Desta maneira, a Fucabem/Palhoça possui uma clientela "descaracterizada", o que dificulta em grande parte o atendimento dos técnicos em relação aos menores. Mais que isso, propicia a "contaminação" daqueles menos experientes e menos corrompidos por aqueles cuja prática de vida nas ruas antecipou um ama-

durecimento e uma esperteza própria dos seres que, pelo sofrimento do abandono e da solidão, agem e reagem ferozmente numa luta íntima pela sobrevivência.

Nosso trabalho centraliza-se no menor abandonado institucionalizado. Assim, nos ocupamos essencialmente daqueles que vivem na Fucabem em regime de internato, embora lá também se encontrem menores em regime de externato e semi-internato. Estes últimos, pertencendo à comunidade local, participam das aulas e das outras atividades existentes na instituição.

Dos novecentos menores atendidos na obra, 189 são internos. Destes, 42 meninas e 147 meninos. A idade mínima para o internamento é de 07 anos. Aos 18 anos, os menores são obrigados a deixar a obra.

Estes menores se encontram alojados em 08 casas, cada uma contendo 03 dormitórios (cada um com 08 camas), uma sala, uma cozinha, 03 banheiros. As refeições, numa iniciativa nova na obra, são feitas nas casas e não mais no refeitório, visando um bem-estar maior para os internos.

Das 08 casas, 06 são de meninos e 02 de meninas. Cada uma conta com a presença de 04 monitores que trabalham em regime de turnos (04 horas) durante 24 horas. O monitor é responsável pela vigilância e cuidados para com os menores e suas casas. Quinzenalmente são feitas reuniões com os menores, os monitores e a equipe técnica para discutir os problemas. A discussão é aberta e todos podem se manifestar. Após a reunião, monitores e técnicos conversam sobre formas de atuação. Foi-nos informado pelo coordenador que os monitores "têm dificuldades de sujeição em relação aos técnicos" por considerarem que, estando em contato mais direto com os menores, conhecem melhor seus pro-

blemas. O técnico justifica esta atitude em função do "desnível" existente entre os monitores e os técnicos, pois os primeiros em sua maioria não possuem mais que o 2º grau. Já os técnicos devem possuir curso superior. A formação destes técnicos é voltada para áreas da psicologia, medicina, assistência social, odontologia e psiquiatria. Alguns deles possuem estes cursos mas estão deslocados de sua função. Há por exemplo, uma enfermeira que não trabalha como enfermeira, um professor de educação física que acumula esta função à de técnico.

Na realidade, no que diz respeito aos técnicos, ocupem eles ou não a função para a qual estão preparados, são em número bem menor do que seria necessário. Para comprovar este fato basta lembrar que, dos duzentos e quarenta funcionários da obra, apenas quinze fazem parte da equipe técnica.

Paralelamente à obtenção destes dados sobre a estrutura e funcionamento da Fucabem, assim como dos papéis atribuídos aos funcionários, fomos nos informando sobre a vida dos menores através dos prontuários de cada um. Esta análise aconteceu após autorização do Juiz de Menores de Florianópolis que, mediante documento escrito, nos permitiu o acesso à documentação particular de cada menor, considerada segredo de justiça. Para isto, registramos nosso compromisso de não identificar os menores quando da elaboração do trabalho.

O objetivo do estudo dos prontuários era o de conhecer o menor do ponto de vista da instituição, o motivo de seu internamento, sua história de vida. Com isto visamos a uma posterior seleção de alguns deles como sujeitos da pesquisa.

Esta seleção se deu quatro meses depois, fundamentada em três aspectos: 1 - crianças consideradas mentalmente normais,

porque ao nível dos estudos que envolvem a linguagem este dado é importante na medida em que, para se chegar a uma tipologia do discurso, é preciso que os sujeitos pertençam não só a uma mesma classe sócio-econômica como possuam também mais ou menos o mesmo nível de desenvolvimento mental; 2 - crianças em situação de abandono (órfãs ou com família); 3 - crianças com idade mínima de 11 anos, visando atingir aqueles com expressão verbal já desenvolvida.

A leitura dos prontuários nos levou à seleção de trinta menores. O procedimento da coleta de dados a partir dos prontuários se desenrolou da seguinte maneira: para facilitar as anotações, organizamos um outro prontuário com o nome do menor, idade, escolaridade, experiência profissional, razões imediatas do internamento, relação com a família, trajetória dentro da instituição, história de vida, discursos sobre o menor (o dos técnicos). Verificar estes discursos sobre o menor foi muito importante porque é baseando-se neles que o Juiz determina o destino do menor. Organizamos, desta maneira, um arquivo por ordem alfabética, passível de ser manuseado com rapidez quando da necessidade de alguma informação.

O resultado destas leituras dos prontuários nos deu uma visão melhor e mais real dos menores e também das pessoas que estão envolvidas no trabalho institucional e ainda, naquele que o precede.

A origem do menor interno da Fucabem é bastante humilde. A situação sócio-econômica de todos é precaríssima. Alguns são totalmente abandonados, órfãos de pai e mãe. Outros possuem ou só pai ou só mãe. Os que possuem ambos os têm normalmente separados, sendo que a maioria deles constituiu nova família. Ou-

tros ainda, embora sejam considerados juridicamente abandonados, possuem família constituída, isto é, pai e mãe vivem juntos, às vezes com outros irmãos do menor interno. Há um caso em que cinco irmãos estão internados na Fucabem.

Estes menores se encontram internados pelos mais diferentes motivos. Os mais freqüentes são a falta absoluta de condições materiais da família, o que os leva a desajustes emocionais e afetivos; ausência de qualquer outro parente que se proponha a cuidar do menor; rejeição categórica do pai ou da mãe em relação ao menor; por vontade própria do menor, que prefere ficar na obra a conviver com problemas de maus tratos, alcoolismo, loucura, miséria.

O internamento ocorre normalmente quando o menor é encontrado nas ruas "perambulando" ou praticando algum "ato ilícito", como fumar maconha, roubar, perturbar a ordem pública. Nestes momentos ele é apanhado pela polícia e levado ao juizado de menores. Se for alguém já conhecido da polícia ou do juizado, é encaminhado imediatamente de volta à obra. Caso contrário, o juiz providencia para que seja conduzido ao Centro de Triagem e Diagnóstico, onde será feito um estudo social do caso.

Este estudo deve ser feito por pessoal técnico, tal como psicólogos, assistentes sociais, psiquiatras. O resultado é enviado ao juiz que, mediante análise do referido estudo, determinará o tipo de obra para a qual o menor deve ser encaminhado. Isto significa que o menor é enviado para a instituição já rotulado, seja de abandonado, seja de infrator, delinqüente, periculoso, e assim por diante. Independente do tipo de nomeação, esta o acompanhará para sempre, na trajetória de sua vida, dentro ou fora da instituição.

Esta questão do encaminhamento do menor para uma instituição envolve muitos aspectos. Entre eles, a competência e a seriedade das pessoas que julgam o comportamento destes menores. O que está em jogo na realidade não é um caso, mas uma vida.

Percebendo desta maneira, nos atrevemos a dizer que os laudos técnicos que acompanham os diagnósticos mereceriam um estudo à parte, tais as suas falhas. Na sua maioria são padronizados, o que evidencia uma ausência de interesses pelos casos individualmente. Neles os menores são qualificados, por exemplo, de "inseguros", "revoltados", "carentes afetivamente", "com ambivalência de sentimentos" e com "baixo limite de resistência às frustrações". Estas características não se constituem, do nosso ponto de vista, em específicas dos menores em questão. Praticamente todos os adolescentes experimentam estes tipos de sentimentos, independente de suas condições de vida.

Isto significa que os julgamentos encontrados nos laudos técnicos não são suficientes para rotular um menor de mais ou menos perigoso, mais ou menos delinqüente, mais ou menos carente, etc.

O que impressiona nesta situação que precede o internamento do menor é que, tanto o juiz quanto os técnicos parecem não se dar conta de que, ao determinar o encaminhamento de um menor para um tipo de obra, estão determinando a priori um tipo de comportamento. O menor pode não manifestá-lo no momento do internamento, mas fatalmente irá assimilá-lo, pois nas palavras de algumas pessoas que trabalham na obra, a "Fucabem é uma escola de fazer bandidos".

Outro aspecto a ser mencionado é a pouca consciência que possuem os juizes de menores da importância de seu trabalho e de

sua responsabilidade social frente à problemática do menor abandonado. Isto se comprova pelo fato de que a maioria deles mal conhece e algumas vezes nem conhece as obras que abrigam estes menores, sejam elas instituições oficiais como a Fucabem, sejam obras de menor porte como creches e orfanatos. Isto significa que o juiz decide pelo internamento do menor para um lugar que ele mesmo não conhece.

Tomando conhecimento de fatos como este é que se vai compreendendo as imensas falhas que ocorrem no sistema sócio-econômico brasileiro, onde pessoas ocupam cargos para os quais ou não estão preparadas ou não recebem a infra-estrutura necessária para agirem com competência.

Nestas duas situações se encaixam os juizes de menores do Brasil. Alguns fazem de seu trabalho um trabalho simples, o que em absoluto ele não é. Outros, por informações que obtivemos junto a este tipo de obra, pecam por desconhecimento de causa e omissão flagrante. O que fica claro na nossa visão de pesquisador e da experiência que vivemos junto aos menores institucionalizados é de que os juizes de menores, em sua grande maioria, constituem também uma classe descaracterizada na medida em que não cumprem a sua função de dar atendimento efetivo aos menores. Para isto seria necessário que saíssem de seus gabinetes e participassem com maior eficácia de um trabalho humano e social, pois os menores das ruas, creches, orfanatos e Fucabens não podem mais esperar.

Feita esta primeira parte do trabalho relativa às informações gerais, contatos diretos com diretores, técnicos, funcionários, contatos informais com os menores, análise dos prontuários, seleção dos sujeitos da pesquisa, partimos para a coleta

do material que se constituiria no elemento de análise de nossa pesquisa.

Através do auxílio do coordenador do internato, foi organizada uma reunião com os menores selecionados para a pesquisa e o pesquisador. Esta aconteceu em sala fechada, sem a presença de outras pessoas. Nela nos apresentamos (para os que ainda não nos conheciam) como professor da Universidade Federal e esclarecemos que ali estávamos fazendo uma pesquisa sobre os menores da Fucabem. O resultado esperávamos que pudesse auxiliar as pessoas que com eles trabalham no sentido de compreendê-los melhor.

Deixamos claro que eles poderiam ou não aceitar a participação. Explicamos o procedimento do trabalho que se constituiria de entrevistas individuais e que seriam gravadas diante da dificuldade que representaria para o pesquisador lembrar-se das conversas depois.

A notícia da presença do gravador fez com que os menores ficassem agitados e perguntassem quem ouviria as gravações, se o coordenador tomaria conhecimento, se os outros menores saberiam o que cada um falou. Questionaram também se teriam que falar da família, da mãe, e assim por diante. Procuramos tranquilizá-los quanto ao sigilo das conversas, deixando claro também que só falariam sobre o que quisessem. Outra coisa que os deixou preocupados era se realmente não éramos nem assistente social nem da polícia. Acreditando em nossa palavra, todos, excetuando um, concordaram em participar da pesquisa.

Partimos então para as entrevistas. Durante sete meses, três vezes por semana, permanecemos na obra. No início, conversamos informalmente com os menores. Isto relaxou as tensões e as desconfianças. Criou-se um clima de camaradagem e afeto.

Estabeleceram-se vínculos.

Dentro deste contexto de conforto entre os menores e o pesquisador, foram iniciadas as primeiras entrevistas registradas formalmente mas ainda sem roteiro previsto, apenas no sentido de familiarizá-los com o gravador. Algum tempo depois, começamos o registro definitivo, com previsão de objetivos a atingir.

Foi elaborado um questionário com perguntas fundamentadas em três pontos básicos: família, vida pessoal, relação do menor com a instituição. As entrevistas duraram em média quarenta minutos, tempo este muitas vezes ultrapassado em função da liberdade dada ao menor.

As conversas aconteceram em clima de tranquilidade, todos praticamente se sentiram à vontade e falaram sem constrangimento. Isto facilitou o trabalho.

Terminadas as entrevistas, demos por encerrado o trabalho na obra da Fucabem/Palhoça. Enviamos uma carta ao diretor geral e ao coordenador técnico agradecendo pela atenção e disponibilidade com que nos receberam.

Aos menores, ficou a promessa de continuar visitando a obra, promessa esta que temos tentado cumprir em função da boa amizade que se formou durante o ano em que lá estivemos trabalhando (1984-85).

2. Procedimentos para a análise dos dados

O material transcrito das fitas e que se constitui no texto analisado, é o resultado de mais de trinta horas de gravação,

sob forma de entrevista, que fizemos junto aos menores internos da Fucabem/Palhoça, em Florianópolis.

Das trinta entrevistas iniciais, selecionamos vinte. Após exaustiva leitura e levantamento de alguns pontos essenciais, verificamos que os vinte textos eram muito similares quanto ao resultado que seria obtido quando da análise mais profunda dos pontos levantados. Desta maneira decidimos nos deter em dez deles, o que representaria uma racionalização do tempo, e uma certeza, de nossa parte, de que os textos selecionados representavam, indiscutivelmente, todos os outros.

Para organização deste material, nos utilizamos de um arquivo A/Z. Nele colocamos, por ordem alfabética, o prontuário de cada criança, cópia fiel do existente na instituição. Nestes prontuários tínhamos informação sobre os pontos seguintes: identificação do menor, idade e motivo do internamento, sua história de vida (contada pela instituição) respaldada num laudo social, psicológico e pedagógico, finalizada por um diagnóstico que determinava o tipo de encaminhamento que o menor deveria ter.

Seguindo este prontuário, colocamos a entrevista de cada menor, e depois desta, uma folha contendo uma listagem de (30) trinta palavras que os menores preencheram sob forma de associação. Estas palavras eram relacionadas com a família, a instituição e sobre alguns tipos de sentimento, tais como: carinho, culpa, confiança, amor, etc.

Desta maneira, tínhamos em mãos, facilmente manipuláveis, todos os dados sobre o menor e sua história de vida, do ponto de vista da instituição (prontuários) e do ponto de vista do menor (entrevistas/associações).

Partimos então para uma primeira seleção de dados. Deno-

minados esta etapa de - Depoimentos categorizados tematicamente -

Organizamos a seguinte ficha:

NOME:		COMPORTAMENTO DURANTE A ENTREVISTA			
IDADE:		FLUXO			
TEMPO FUCABEM:		HESITAÇÕES			
ABANDONADO DESDE:		REPETIÇÕES			
		ETC.			
Imagens da Instituição sobre o menor	Imagens do menor sobre a Instituição	Afetividade		Imagens que acha que os outros tem dele	Imagens que tem de si próprio
		IMAGENS			
		Carências/ Ausências	Elos / vínculos		

De acordo com cada item, os enunciados foram sendo transcritos do texto para a ficha. A prioridade dos temas selecionados foi confirmada. Em todas as entrevistas eles apareceram sempre, ou quase sempre da mesma maneira. Todos os menores "falaram" mais da família. Ela foi por todos privilegiada em seus discursos. Sobre a instituição também comungaram do mesmo ponto de vista; todos possuem poucas imagens de si mesmo e menos ainda sobre o que os outros imaginam sobre eles. O ítem afetividade/carências apareceu de maneira bastante significativa muito mais vezes que o ítem afetividade/vínculos. Estes dados serão mostrados e justificados quando comentarmos sobre a análise propriamente dita.

À segunda etapa do levantamento chamamos de - Análise dos depoimentos do ponto de vista sintático-semântico. Teve por objetivo "desmontar" os enunciados com a finalidade de verificar com que tipo de palavras e com quais valores os temas foram tratados pelos menores.

Mais uma ficha foi elaborada.

S ADV V ADV V SUBST ADJT COMP ADV V ADJ V SUBST

Imagens de si Imagens dos outros sobre si Diferenças entre si e os outros meno- res	
Afetividade negativa: vínculos rompidos	
Afetividade positiva: Elos possí- veis	
Fucabem-pon- tos de vista dos menores a questão da liberdade: Aqui dentro x lá fora	

Deste fichamento resultou outro que denominamos de Síntese da análise — contendo as especificações sobre os tipos de verbos mais usados, a negação que se evidenciou de forma bastante significativa, os substantivos e adjetivos, sempre se referindo à família, à instituição e à situação de abandono. Encontramos muito poucos comparativos, alguma incidência de advérbios mas com pouca variação, a maioria deles se referindo a tempo e muito poucos a quantidade, modo, etc. Os advérbios de lugar se restringiram a - aqui dentro, lá fora. Estes terão relevância no decorrer da análise.

Para verificar o resultado foi preciso organizar uma última ficha:

VERBOS MAIS UTILIZADOS		A QUESTÃO DA LIBERDADE	
GOSTAR		AQUI DENTRO	
TER		LÁ FORA	
SER			
NEGAÇÃO + VERBOS + REFERÊNCIAS		SUBSTANTIVOS + REFERÊNCIAS	ADJETIVOS + REFERÊNCIAS

Nesta ficha foram recolocados os enunciados na sua íntegra. Através dela recuperamos o tema e partimos para a análise propriamente dita, onde as relações entre os temas e o efeito que delas surgiu foram nos conduzindo à questão da afetividade no discurso dos menores abandonados institucionalizados. Suas relações imaginadas pelos menores e seu confronto com a realidade por eles vivida, se constituem na base desta análise.

3. Análise

Da busca, do encontro e da perplexidade

... interpretar um texto não é dar-lhe um sentido (...) é, pelo contrário, apreciar o plural de que ele é feito (...) acedemos ao texto por várias entradas sem que nenhuma delas seja considerada principal; os códigos que ela mobiliza perfilam-se a perder de vista (...) não se trata de conceder alguns sentidos, de reconhecer, magnanimamente, a cada um, a sua parte de verdade; trata-se, contra toda a indiferença, de afirmar o ser da pluralidade, que não é o mesmo do verdadeiro, do provável ou ainda do possível...

(BARTHES, 1970:13)

O texto que temos em mãos é a materialização de um discurso produzido por pessoas especiais, em circunstâncias especiais. Elas são crianças abandonadas. A circunstância, a instituição que as abriga.

O que antecedeu a produção desta "fala" e o que dela fez parte, no texto estão marcados. Para nós, descobrir estas marcas significou um profundo envolvimento com os menores e as histórias que nos contaram. Para eles, "falar" implicou mostrar a maneira e o porquê das marcas que trazem consigo e que nos foram reveladas pelos seus discursos. Através dele, e nele, elas estão inscritas.

Para perceber o vivido em que eles e nós fomos confinados, é preciso voltar no tempo para resgatar o acontecido. São assim os sentidos fluirão e as marcas destes efeitos de sentido se justificarão.

3.1. Do passado: A "vida em família", biológica e/ou "adotiva".

- Os vínculos rompidos - A afetividade ausente

É preciso que se coloque, de imediato, a distinção entre família biológica e família adotiva em relação à vida dos menores abandonados que vivem na Fucabem. Pelo menos 50% deles passaram pela experiência da "adoção". Destes, nenhum permaneceu com a família. Foram "devolvidos" a instituições, entre elas, a Fucabem.

Desta maneira, os menores se debatem entre as duas imagens da família. E a "família adotiva" vai ser sempre representada como valor oposto à "família verdadeira".

... era meu pai de criação, a minha mãe, meu irmão de criação e a minha irmã... sei lá, eu gostava dela assim, né ... mas desde que soube que ela não era minha mãe verdadeira... sempre pensei que ela fosse minha mãe, não é? Fiquei revoltada... queria que ela contasse pra mim. Ela dizia que minha mãe de, de verdade era uma vagabunda... e... eu não queria que ela falasse, falasse isso...
(M. F. 16 anos)

... eu vim parã aqui por causa que quando eu era pequeno, ficava com minha mãe, depois minha mãe... minha mãe... eu acho que não pode... podia né mas daí ela disse pra uma mulher que ficou tomando conta de mim, disse que ia viajã, ia... e ia voltã pra me pegã, daí depois ela foi e depois não voltô mais, até agora ... depois uma pessoa, uma senhora me adotô, depois tô aqui de volta...
(M. C. 15 anos)

... eu sô filha adotiva... eu soube com meus sete anos... enquanto eu não sabia que eu era filha adotiva a mãe diz né,

diz que tava tudo bem, que eu era tudo bom... depois que eu soube foi que começô isso... eu aprontava em casa, eu fugia de casa... aĩ a mãe pegô, falô com o juiz e me botaram aqui...

(M. F. P. 13 anos)

A situação de adoção/rejeição se configura a cada momento das diferentes histórias. O fato assim se apresenta porque nenhuma das crianças "adotadas" o foi de maneira efetiva, isto é, como filho(a) verdadeiro(a). Assim compreendendo a situação, não poderiam considerar "verdadeira" a família "adotiva". Se verdadeira fosse, eles não teriam sido re-colocados numa instituição. As meninas, principalmente, foram "adotadas" com a finalidade, entre outras, de cuidar dos filhos da "mãe adotiva".

... aĩ apareceu Dona... ela queria uma guria pra cuidar do nenêm dela... fui morã com ela... adorava ela... daí ela veio e disse: "olha, de hoje em diante eu sou tua mãe" ...parece que dali uns dias ela sô, sô ia assinã uns papéis, que daí, daquele dia em diante ela era minha mãe... Aĩ ela pegô uma empregada, um pouquinho mais velha do que eu, devia ter uns 15 anos. Aĩ sumia coisa da geladeira, a empregada dizia que era eu... aĩ eu fiquei... queria ficã mas não tava dando certo. Aĩ eu pensei... pô... ir pra Fucabem pô... ir de novo naquela naba... aquilo é ruim...

(F. R. 17 anos)

A "estada" na família adotiva, mesmo que esta em alguns casos tenha sido de nove (09) anos, não permitiu aos menores a reconstituição do vínculo rompido com a família biológica, ainda que muitos deles não a tenha nem conhecido.

... sô sei que se eu nasci, decerto me deixaram na maternidade, alguma coisa assim, nê... porque eu não conheço minha mãe verdadeira... sô o meu pai, que eu conheci depois dos 13 anos... fi-

quei num hospital bastante tempo... eu não quero conhecê ela, não sei como ela é... ela não gosta de mim... eu sei que a mãe não tem amor por nenhum de nós...
(M. F. 16 anos)

... não, eu não conheço minha família... só se eu fosse adotado já era melhor pra mim... adotado de volta...
(M. C. 16 anos)

Para compreender o que está inscrito na questão do vínculo, é preciso percebê-lo como uma coisa que será sempre representada no discurso dos menores abandonados. O fato é que, mesmo quando em companhia da família biológica, o vínculo não existiu e não se estruturou enquanto uma prática vivida entre os membros da família. As condições materiais e afetivas sempre foram precárias. Interessante é que em nenhum momento da entrevista foi mencionada a questão da carência material, por nenhum dos menores. Se, para nós, a falta de afeto em suas vidas possa ter uma das explicações na precariedade da vida material, para eles não, pelo menos enquanto uma verbalização.

A única falta que existe, de fato, é em relação à própria falta dos vínculos não vividos na família biológica e/ou adotiva.

Alguns dos enunciados nos conduziram a este raciocínio.

... morava com minha mãe e o meu irmão. O meu pai é separado da minha mãe... não sei explicá direito... não gosto de lembrar... foi uma vida difícil... eu sofri com isso... eu esqueço, não lembro...
(J.F. 12 anos)

... nenhum dos dois queria me cuidã... minha avô me pegou pra criã, eu tinha 3 anos... ela me criou até os 7... daí ela não tinha condições... então... foi uma infância que não foi bem vivida, não tive pai nem mãe... mas eu queria ter eles, eu não queria entrã na Fuca-bem...

Com o tempo, o pai e a mãe voltaram a procurá-lo, ambos separados e com nova família

... depois um dia, meu pai quē que eu vā morā com ele, minha mãe também... mas eu não tenho mais aquele afeto... como se fosse um pai e uma mãe de verdade... acho que demoraram demais pra gostā de mim, deviam gostā quando eu era pequeno... não entendi essa deles. Meu pai estā sustentando dois filhos, minha mãe mais três... eu não entendo porque eles não me pegaram pra criā... hoje não dā... me considero um cara sem família.

(L.J.L. 17 anos)

... pai e mãe... é um vazio... foi o passado... tem horas que pesa, a gente se sente revoltada... pô, me colocaram no mundo nē, não queriam cuidā... mas se pelo menos alguém chegasse pra mim e me desse uma explicação, que dissesse: "ô, ela é tua mãe, ela não é tua mãe, teu pai... aconteceu isso... não sei nada sobre minha família...

(F.R. 17 anos)

Naqueles que tiveram alguma convivência com a família, a falta também se manifesta...

... a mãe, ela nem abraçava, não abraçava ninguém... lembrar... em algumas partes só dā tristeza, assim, do lado da família, da mãe, do pai... eu quase não tenho o que lembrar. Feliz, feliz... não dā pra ser... perdeu avô, perdeu avô, não tem pai, tem mãe que não liga... não dā pra ser muito feliz...

(V.R. 16 anos)

... um tempo, eu menos gostava da minha mãe, eu não entendia por que ela me abandonou... Mas ela não me abandonou, ela fugiu do hospital, doente... ela fugiu pra trabalhā, pra dā roupa pra mim, entende? Quando eu era pequeno eu pensava que ela me abandonou, de querer, daí eu não entendia... mas aī, com o tempo eu peguei e entendi... agora tudo bem, eu sei a verdade, eu gosto dela...

(Z.A. 16 anos)

Justificando ou não a atitude da família, a falta em todos existe, normalmente vinculada a uma incompreensão da situação à qual foram levados, de abandono.

A falta se acentua quando percebem o mundo. Apesar de não terem vivido na família a experiência da afetividade, como constatamos, de não terem presenciado pai e mãe "cumprindo" os papéis que lhes foram destinados dentro da família pela sociedade, os menores possuem uma perfeita consciência desses papéis e de suas funções. Têm para si valores definidos. Representam em seus discursos estes valores, frutos não de uma experiência vivida mas de uma ideologia assimilada, que governa as pessoas e as insere no contexto da "normalidade". Esta ideologia lhes foi imposta talvez pela escola, talvez pela mídia. O que de fato se percebe é que, vivendo fora dos padrões da sociedade, eles os têm internalizados, como se prontos estivessem para vivê-lo em qualquer tempo, da mesma maneira que qualquer outra pessoa. Esse relacionamento se apresenta como uma forma ideal capaz de condicionar a felicidade, a segurança.

... um pai do outro lado, uma mãe do outro, já uma tia lá do outro lado, uma avó aqui, não é família... família é um pai e uma mãe, tudo junto...

(L.J.L. 17 anos)

... pai é o encarregado da nossa vida... mãe é a pessoa que dá carinho... irmão são colega um do outro...

(M.C. 15 anos)

... mãe é conselheira, amiga... irmão é alegria e confiança...

(Z.A. 16 anos)

... pai tem obrigação com os filhos... trabalhar, ajudar a mãe, tudo que um pai tem que fazer na educação... mãe...

amar os filhos, dar conselhos, educar, bater quando precisa, não maltratar... irmão... não ser orgulhoso, ser unido... lar é tudo que uma criança deve querer...

(P.V. 11 anos)

Mais que tudo isso, a ideologia aparece representada em seus discursos no confronto entre aquilo que gostariam de viver, e o que vivem na realidade do tempo presente. O "hoje" estará para sempre amarrado ao que passou, porque ele é uma consequência deste passado. Intermediando esta relação, está a vida na instituição.

3.2. Do presente: A vida na instituição

O jogo de imagens e as relações entre si

É na instituição que a falta se acentua. Estar vivendo nela concretiza o desligamento da família.

... cheguei aqui com uma trouxinha de baixo do braço e o monitor veio me pegar, mas eu não queria, eu grudei na vó assim... e não queria ir... na primeira semana chorei muito, não dormia a noite, aí... eu me lembro, fui me acostumando... eu me lembro... eu me lembro da parede... assim onde eu me arrastei, assim, fui até o meu quarto assim... aí comi... conversaram comigo...

(L.J.L. 17 anos - tinha 06 quando entrou na Fucabem)

Uma vez na instituição, torna-se inevitável a luta pela sobrevivência. Ela não acontece em função de uma necessidade material, porque esta a instituição supre perfeitamente.

... a Fucabem pra nós é um pai... trata de nós, dá roupa, tênis, comida, dentista, médico...

(J.F. 12 anos)

Trata-se da sobrevivência moral e afetiva. É preciso tornar-se forte, independente, corajoso. É nesta busca que a imagem da família ressurge, idealizada por todos os menores. Para conseguir reagir e conviver com a falta dos vínculos que na família não foram efetivados, eles passam a "vivenciar", imaginariamente, à distância, os laços familiares, como se, antes do internamento na instituição, eles tivessem sido vividos como uma experiência boa.

É na relação entre o vivido e o imaginado que a ideologia se incorpora à palavra e dela faz uso para explicitar-se e/ou insinuar-se. A imagem que possuem da instituição é que vai servir de elemento mediador, porque esta imagem tem uma dupla significação. Ela representa ao mesmo tempo a ruptura dos vínculos familiares, em função do internamento, e a possibilidade de recuperá-los, quando saírem dela.

É através das imagens que possuem da instituição que o leque das outras imagens vai se abrindo.

... fui muito bem tratado aqui... hoje estou querendo sair daqui de qualquer maneira...

... a gente é bem tratado aqui né... mas não se sente nada bem... já não gosto daqui mesmo... lá fora eu já me dō mais bem...

... o sonho é sair daqui de dentro, sō. Se eu conseguisse ainda ficava até feliz...

(M.C. 15 anos)

... as vezes a gente é bem tratado aqui ... as vezes surge pessoas legais... uma nova monitora, ela não conhece o esquema, então ela é legal... quando passa a conhecer, que ela for lá ver o prontuário... então ela se torna uma outra pessoa...

(F.R. 17 anos)

Todos percebem a instituição como um "lugar", onde são bem tratados. Fora deste conceito, a imagem que fazem da instituição está diretamente ligada à imagem que possuem dos técnicos e dos monitores, de quem "gostam mas não confiam", de quem recebem "medidas" que consideram "injustas". Acoplada a estas, uma imagem fundamental, a da diferença profunda entre o "lar" e a instituição. Mostram através dela, a valorização do imaginado em oposição à falta dos vínculos não vividos na família mas representados como se o tivessem sido. No último depoimento, é significativa a observação do menor quanto a uma pessoa que é "legal" enquanto não conhece o "esquema" — depois, ela passa a ver o menor através da imagem institucional...

... aqui é bem diferente... bem diferente de uma família. Preferia dez vezes estar vivendo com uma família do que viver aqui dentro...

... confiar... não confio não, tia... porque eu já contei várias coisas pra um monitor e depois ele espalhou pra todos os monitores... isso eu achei errado e falei na reunião... ele disse que era mentira...

(M.F. 16 anos)

... funcionários... tem alguns que eu confio algum não... tem alguns que eu gosto... aqui é só na base da medida, enche... parece que eles não acreditam em mais nada...

(M.A. 17 anos)

... me dão bem com os funcionários, me sinto a vontade, mas... não é como se fosse minha família... a liberdade não é total...

(L.J.L. 17 anos)

O que de fato vai se delineando, é uma imagem da família que não está necessariamente ligada à da família de origem. O

que está representado em seus discursos é, na verdade, o conceito de família enquanto uma instituição organizada, com papéis definidos, com valores partilhados.

... assim... quando eu estava no SERTE, eu queria, pô, uma família que me adotasse... hoje penso diferente... conseguir uma família pra eu morar com ela, não adotá porque eu já tô grande... uma família pra me dá uma atenção... compartilhar e tal...

(F.R. 17 anos)

... qual é aqui dentro que não queria ter um pai e uma mãe?

(M.F. 16 anos)

... queria estar com meus pais verdadeiros, tia, com meus irmãos... uma família...

(M.F. 16 anos)

Nesse contexto, as figuras da mãe, dos avós, de um tio, de uma madrinha, vão ocupando lugar privilegiado. O pai é figura ausente, não só da vida como dos relatos.

... Sonho sair daqui, comprá um apartamento, pode ser uma casa, um carrinho pra mim... e ajudá minha mãe... cuidá da minha mãe...

(P.V. 11 anos)

... eu tenho mais afeto pela minha avó... quando eu saí daqui vô morá com ela... quando eu tive uma vida melhor...

(L.J.L. 17 anos)

... quem eu mais gosto é minha avó... a maior parte da minha vida sempre fiquei com minha vô... me... me adaptei... gosto mais dela, não é?

(Z.A. 16 anos)

... gostaria de morã com minha madri-
nha... minha madrinha que não é tia,
mas eu pra ela sou sobrinha e ela pra
mim é tia...

(V.R. 16 anos)

... gosto mais do tio e da vō... ela
morreu... agora eu gosto mais da mãe
e do tio... tem vezes que eu choro
com saudade do meu vō que não vejo faz
tempo... e dos meus tios porque eles
aquí não deixam eu ir ali ver eles...

(P.V. 11 anos)

Na tentativa de criar vínculos, de ter "com quem contar",
o amigo ou a amiga preenchem a expectativa.

... tenho amigos... tinha um cara aqui
dentro que não está mais aqui, o V...
a gente fazia capoeira junto... se um
ia treina, o outro não ia, aquele que
ia não se sentia bem, nē... porque es-
tava afinado com o outro cara... quan-
do esse cara saiu eu fiquei um pouco
vazio... assim... nunca mais falei com
ele... ficô um pouco orgulhoso, não
vem aqui...

(L.J.L. 17 anos)

... A M... se ela está com algum pro-
blema, conversa comigo, eu converso
com ela... é com quem eu falo...

(V.R. 16 anos)

... tenho bastante amigos mas sō uma
que eu gosto mesmo... é a N... é me-
lhor amiga... que ela conta os segre-
dos pra mim, tudo... eu prefiro dez
vezes mais, tia, conversã com a N...
do que conversã com qualquer técnico,
qualquer monitor... até hoje eu não
senti aqui dentro uma pessoa que se
preocupasse com a gente... que chegas-
se e conversasse: "F... o que que tu
tens... me conta não sei o quê..." a
N... é que substituí...

(M.F. 16 anos)

É na relação dos menores entre si que as imagens de um
para com o outro vão surgindo. Se reconhecendo no outro, cada

um tece as imagens sobre si mesmo.

Fato interessante é que nenhum deles se acha igual ao outro. Justificamos essa atitude pela necessidade que possuem os menores de ter uma história, uma identidade que lhes seja própria, que seja única. É preciso sentir-se "diferente" para não compactuar com os rótulos que lhes são impostos (veremos mais adiante este aspecto). Não possuindo uma referência na família, sendo na instituição massificado, pelo menos para si mesmo ele precisa ser diferente.

... eu não sei... não me sinto ser diferente... também não me julgo igual... porque tem a maior parte dos guris, tudo de rua e eu não fui de rua, fui criado na mordomia, em casa... só isso que de diferente eu tenho... que a maior parte dos guris foi criado na rua... foi abandonado na agressividade... eu não, eu fui criado em casa, sempre na mordomia...

(Z.A. 16 anos)

... eu acho que sofri mais do que eles, que muitos daqui de dentro... eu acho ... sei lá eles são muito carentes, eu também sou... em bastante coisa é assim... igual...

(M.F. 16 anos)

... eu não me sinto diferente dos outros educandos, acho que se está todo mundo aqui é porque todo mundo é igual ... se alguém fosse superior não estava aqui... tem pessoas que sofreram mais que eu, outras são mais alegres do que eu... porque tem um pai e uma mãe que... sabem que vão visitar um pai e uma mãe verdadeiros... eu já não ... tem pessoas que pai e mãe vem buscar... eu já não... tem pessoas mais tristes do que eu que não tem família nenhuma... eu já tenho né... uma madrinha... que gosta de mim, talvez até tenha uma mãe...

(L.J.L. 17 anos)

... eu não me sinto igual a eles... não me sinto superior de jeito nenhum... sinto pena deles, eu com a cabeça que tenho hoje já não preciso tanto de uma família como eles... tem horas que a gente precisa mas eu não preciso tanto quanto eles... eu já sinto que eu sou mais independente, assim...

(F.R. 17 anos)

... me acho diferente... acho que cada um tem um lado só dele... tem coisas assim que é igual, mas...

(V.R. 16 anos)

Mesmo considerando-se diferentes uns dos outros, iguais eles se mostram, através de suas "falas", em vários pontos: todos possuem a "falta" proveniente da ausência de vínculos com a família; todos prefeririam estar vivendo com ela ou com alguém que lhe cumprisse o papel; todos se consideram bem tratados na instituição "apesar de tudo"; para todos o sonho é sair da Fucabem; para todos a figura da mãe, dos avós e de um amigo representa o vínculo desejado; todos se acham ainda corajosos e infelizes.

... sou corajoso, sou uma pessoa normal... podia ter os mesmos direitos das pessoas lá fora...

(L.J.L. 17 anos)

... acho que... tem vezes que sou corajosa, me acho corajosa... alguém tem que me dar um empurrãozinho senão fico na dúvida... fico assim... confusa... muito confusa...

(F.R. 17 anos)

.... não me acho feliz... às vezes vivo na solidão eu me acho infeliz... infeliz até demais...

(M.F.P. 13 anos)

... acho que sou corajosa, quer dizer, heroína... porque sei lá, passar isso tudo que já passei e estar aqui ainda, em forma... eu me acho uma pessoa infeliz porque... sei lá... fico pensando no passado, sempre... não adianta que eu não tiro o negócio do passado da... da cabeça...

(M.F. 16 anos)

... eu me sinto infeliz, não consigo entendê porque.

(Z.A. 16 anos)

A questão da liberdade também foi por todos mencionada em seus discursos. Ela se configura pelos contornos do espaço físico da instituição. Nele encontra seus limites, através dele recupera todas as outras imagens já percebidas.

O "estar dentro" da instituição mostra, aos menores, o distanciamento que existe entre eles, o mundo "lá fora" e as pessoas que nele vivem. Significa estar numa condição que os diferencia destas pessoas. Ao mesmo tempo, isto os torna semelhantes entre si.

No duplo jogo do "aqui dentro" e do "lá fora", os menores vão juntando suas "faltas", atribuindo ao "estar lá fora" os valores de liberdade, bem-estar, felicidade, alegria; ainda representam isso como uma possibilidade de refazer vínculos, como uma nova chance de vida.

O "estar aqui dentro" vem carregado de valores negativos, mostrando a cada momento, a continuação da "falta", e ainda a preocupação pelo momento de novo desligamento da instituição, que não se "obriga" a um amparo duradouro.

... gosto dos outros meninos, assim né
... mas não me... não ando muito com
eles... daqui de dentro não ando...mas
de fora já ando mais...

... problemas todos têm... os que tão aqui dentro sim...

(M.C. 15 anos)

... muitos monitores chegam e põem pra gente... "o dia que tu tivê lá fora é que eu quero vê..." quando estou lá fora eu posso ser assim... outra pessoa... lá fora eu posso agir como acho que devo... eu sinto assim... que aqui dentro a gente é usado politicamente...

(F.M. 17 anos)

... aqui é bem diferente de casa... bem diferente de uma família. Preferia dez vezes estar vivendo com uma família do que viver aqui dentro... porque aqui dentro até uns... sei lá... fica até uma idade e depois tem que sair... família não... família a gente fica em casa pelo resto da vida, acabado... tem essa vantagem...

(M.F.P. 13 anos)

... lá fora não dá pra conversar como eu converso aqui dentro... são pessoas diferentes, a amizade é diferente, outras pessoas diferentes... aqui eu convivo mais com os educandos e a gente tem um papo nosso aqui...

(L.J.L. 17 anos)

.... lá fora tem mais liberdade, aqui dentro não... aqui dentro pra ir na venda tem que pedí comunicação... quando eu tô aqui dentro eu me sinto infeliz, tem dia que eu tô com raiva daqui... tudo é medida aqui dentro dessa coisa... quando eu tô lá fora eu me sinto feliz...

(S.M.A. 17 anos)

... eu não digo que sou da Fucabem lá fora... vai ver as pessoas de fora sempre dizem... vai ver até não fazem amizade com as pessoas que são boas aqui por causa desses maus elementos... por isso que eu digo isso.

(Z.A. 16 anos)

A marca de "lugar", distribuída entre dois pontos, o "aqui dentro" e o "lá fora", vai se afirmando durante todo o tempo do discurso como uma das bases desse discurso.

Na medida em que ela revela as imagens ela também estabelece as relações entre elas. O passado, o presente e quem sabe o futuro, nela estão definidos e/ou delineados.

Para os menores, a "falta" aconteceu "lá fora", na família. Continua "aqui dentro", na instituição. Voltar "lá pra fora" talvez seja o caminho para encontrarem o que perderam na trajetória de suas vidas — embora esta volta possa, mesmo inconscientemente, representar uma segunda ruptura de vínculos. A instituição é uma passagem, apenas. E todos sabem disso.

Para completar o quadro das imagens reveladas pelo levantamento temático dos depoimentos, precisamos tecer alguns comentários sobre a imagem que a instituição possui dos menores que nela estão internados.

Ela se fará a partir dos dados existentes nos prontuários de cada criança, em relação aos pontos que consideramos mais significativos.

3.3. Imagens da instituição sobre os menores internos

Como já esclarecemos anteriormente, analisar a competência da instituição, sua forma de atuação, o trabalho dos técnicos e monitores, não foi meta desta pesquisa.

No entanto, para selecionarmos os menores que fariam parte do trabalho, foi preciso que nos inteirássemos de suas histórias de vida. Para isto, nos utilizamos dos documentos que a

instituição possui, referente a cada menor interno. Neles, a instituição coloca a história de cada menor, baseada, acreditamos, naquela contada pelo próprio menor e/ou por seu responsável. Não questionamos estes dados, na medida em que eles, na sua maioria, conferiam com as histórias que nos foram contadas diretamente pelos menores quando de nossas conversas informais, ou na entrevista que aconteceu depois.

O que nos chamou atenção foram os dados existentes sobre o menor, nos laudos psicológicos. Imaginamos que é, a partir dele, e da história de vida do menor, que a instituição deve agir no sentido de atendê-los, orientando-os e suprindo-os do que e para que for necessário.

É preciso dizer que nossa formação profissional não se estende à área da psicologia. Em nenhum momento desta pesquisa tentamos ultrapassar os limites dos estudos lingüísticos. E se estes podem ser vistos também como reveladores de problemas psicológicos, deixamos esse trabalho para as pessoas que conhecem seus caminhos.

Esclarecidos estes pontos, expomos nosso ponto de vista sobre os laudos psicológicos dos menores internos da Fucabem, baseados na nossa condição de ser humano, de pesquisador e de alguém que não tem, desses menores, apenas uma impressão. A nossa convivência com eles foi de um ano inteiro, o que nos permite concordar ou não com a imagem que deles a instituição faz, imagem esta muitas vezes distante da verdade e sobretudo inoperante no que diz respeito a sua ação sobre os menores.

Transcreveremos alguns dos laudos, colocando os dados de base de cada menor. A sigla M.I. equivalerá ao motivo do internamento. Naturalmente que o nome do menor será omitido. Mantemos as letras colocadas na transcrição de suas "falas", na

parte que antecede.

- L.J.L. - 17 anos, abandonado desde os 06 anos.

M.I. rejeição dos pais.

09 anos de Fucabem.

"... responsável, trabalhador, forte sentimento de rejeição e de abandono, projeta sua insegurança supervalorizando a avó, inteligente, bem estruturado embora revele ainda uma personalidade em formação".

- M.F.P. - 13 anos, abandonada desde 01 ano - adotada/rejeitada (ficou 09 anos na família adotiva).

M.I. rejeição da mãe adotiva.

"... problemas ligados ao sentimento de rejeição em relação à família. Dificuldades para lidar com situações afetivas, desconfiança em relação as pessoas, sente-se inferior aos colegas, instável, impulsiva, desconfiada, deprimida, afetuosa, com iniciativa, triste, dependente, distraída".

- P.V. - 11 anos, abandonada/rejeitada pela mãe.

M.I. encaminhada pela mãe que alegava que as filhas passavam fome e que induziram o amásio da mãe a ir embora.

"... imatura, egocêntrica, narcisista... vínculos hostis e afetivos dissociados, agressiva, defensiva frente ao mundo, imprevisível, impetuosa, ambivalente em relação aos sentimentos... desenvolvimento psíquico bloqueado, discordância entre sua capacidade e suas ações, forte sexualidade com uma identificação psico-sexual não satisfatória... macro valorização da figura materna".

- Z.A. - 16 anos, abandonado - 02 anos de Fucabem.

M.I. rejeição familiar (criado pela avô desde os 02 anos).

"... conduta anti-social, agride... eletro acusa "anormalidade difusa generalizada". Tratado sem resultados. Ativo, emotivo, sensível, "pavio curto", receptivo, organizado, afetivo, agitado, carente, busca auto-afirmação. Desenha e escreve muito bem..."

Os laudos apresentados são suficientes para "mostrar" a imagem passada pela instituição do ponto de vista dos problemas do menor abandonado. São representativos de todos os outros na medida em que diferem apenas na adjetivação. A atitude é sempre a mesma em todos.

Nesta imagem acredita a política institucional, nela acreditam as pessoas que trabalham junto aos menores.

Ela "identifica" problemas, mas não age para sua solução. Dar rótulos e estigmatizar o menor através deles parece ser o papel da instituição.

A imagem é falha quando nem sempre se percebe nela uma preocupação real em verificar e nomear as condições de vida dos menores e as suas conseqüências ao nível do emocional, moral e afetivo.

Dizer que um menor "é imaturo" aos 11 anos (quem não o é?); que outro possui "problemas ligados ao sentimento de rejeição em relação à família" depois de ter sido "adotado" e ter vivido na família adotiva durante nove anos, e, apesar disto ter sido "devolvido" a uma instituição; que outro ainda, abandonado e rejeitado pela família biológica, "supervaloriza a avô"

que o criou, e outro, também abandonado e rejeitado pela família, tem da figura materna uma imagem "macro valorizada", é dizer o óbvio, é identificar o que qualquer leigo identificaria se soubesse das histórias de vida dessas crianças.

Agindo assim, a instituição não pode preencher o "vazio" na vida dos menores abandonados, nem supri-los do afeto que o abandono lhes impossibilitou de viver. Através da imagem que produziu, formalizada em laudos padronizados, a instituição não consegue compreender as diferenças que existem dentro das semelhanças que coloca para esses menores como fazendo parte de uma classe absolutamente fora dos padrões e do contexto da sociedade em que vivemos.

O menor tem consciência desta imagem que a instituição possui dele, o que lhe causa desconforto e dificulta a sua aceitação da vida na instituição. Ele sabe que não entrou nela apenas como uma criança que foi abandonada e que será cuidada pela instituição. À condição de abandono, a instituição acolhe "qualidades", naturalmente negativas, que acompanharão o menor não só na trajetória institucional como na vida fora dela.

Torna-se mais fácil compreender, neste momento, a opinião de uma das menores quando, conversando conosco, disse que os monitores eram "legais" até o momento em que tomavam conhecimento do prontuário. A partir dali "tornavam-se outra pessoa". Porque, a "marca" deixada nos laudos atinge também as pessoas que se ocupam do atendimento aos menores. Ela impossibilita que eles desvinculam os menores dos rótulos que lhes foram atribuídos. Por esse motivo, também, a falta de vínculos se acentua na instituição, onde os agentes institucionais se encontram limitados, bloqueados, por imagens mal formadas. Isto

dificulta a existência de uma relação mais efetiva e verdadeira entre eles e os menores.

Nos menores, o reflexo dessa "marca" se faz presente na dificuldade do autoconhecimento. Vivem o dilema de uma imagem que a instituição lhes atribui e uma que acham que possuem. Acham que "não são respeitados", "não são valorizados", que as medidas são "injustas", que todo mundo pensa que "menor da Fucabem é maconheiro, vagabundo".

O que se define de fato, a partir dos laudos, é o estig-ma, irreversível que se instala no menor para sempre. É com ele que os menores terão que tentar um dia a vida fora da instituição, na busca de uma convivência com "as outras pessoas", e, como nos disse um dos internos, "pretendendo um dia ser feliz".

3.4. Síntese da análise dos dados

Situados os menores através de seus discursos, no contexto da história de suas vidas, familiar e institucional, colocadas as condições e o papel que viveram e vivem nos espaços dessa história, analisada a história por eles contada, justificada está a presença da palavra como "signo social", veiculadora dos valores e da realidade de uma sociedade.

Através do intrincamento dos dois contextos de vida no qual se inserem os menores abandonados, as imagens por eles produzidas em e pelos seus discursos, neles foram representadas formal e ideologicamente.

Relacionadas entre si, de maneira natural, as imagens da família, biológica e/ou adotiva, dos valores que norteiam o con-

ceito de família, da vida na instituição, da comparação entre esta e o lar, das imagens sobre si, daquilo que os diferencia dos outros menores, das semelhanças em determinados tipos de sentimentos, das representações embutidas no "estar aqui dentro" e no "estar lá fora", das imagens que a instituição forma dos menores, delineou-se uma imagem maior, resultado do conjunto das imagens e relações entre si.

A imagem maior é a que nos conduz aos contornos mais nítidos de uma real falta de vínculos afetivos na vida e, conseqüentemente, nos discursos dos menores abandonados. Configurada está a presença da falta através de suas palavras e das imagens que elas representam. Confirmada está a questão de que falamos aquilo que vivemos, de que nosso comportamento lingüístico está profundamente ligado ao contexto de nossas vidas.

A falta de vínculos afetivos (que não é uma falta no menor, mas fundamentalmente relacional, relativa à interação social) se formalizou realmente a partir da compreensão dos contextos de vida familiar e institucional, que, relacionadas entre si, produziram efeitos de sentido com valores negativos, revelados pela falta do vínculo afetivo presente na vida e no discurso dos menores.

A comprovação destes efeitos se deu quando do levantamento dos depoimentos do ponto de vista sintático-semântico, os quais, reagrupados posteriormente, nos fez chegar às seguintes considerações: todos os substantivos, adjetivos, verbos e negações inseridas no contexto dos discursos analisados, tiveram algum tipo de relação com a falta dos vínculos afetivos na vida dos menores. Conseqüentemente, estiveram sempre ligados à noção de fa-

mília e de instituição, mantendo a imagem que já nos foi revelada anteriormente, resultado do intrincamento entre ambas.

Transcreveremos a seleção de enunciados que fizemos de maneira global, sem especificar quem os enunciou.

Dominaram o discurso os verbos: GOSTAR, TER, SER, nesta ordem. Foram normalmente utilizados com valores mais negativos que positivos. Nenhum deles foi vinculado a coisas materiais, no sentido estrito do termo. Não transcreveremos, naturalmente, os enunciados que se repetiram, mas de todos coletamos um exemplo.

GOSTAR ... gosto dos menores... gosto da Fucabem, as vezes... acho que meus pais gostavam de mim... não gosto daqui... gosto da mãe... gosto dos amigos... gosto dos funcionários... gosto de alguns menores... gosto da casinha (onde mora na obra)... gosto de ficar conversando... minha mãe não gostava de criança pequena... acho que gostam de mim (os outros menores)... demoraram pra gostã de mim (os pais)... deviam gostã quando eu era pequeno... não gosto de lembrar... gosto mais da mãe... não gosto que ninguém encha o saco... minha mãe não gosta de mim... a maioria não gosta de mim (dos outros menores) ... não gosto de psicólogo... gosto só do meu pai de criação... gosto só de uma amiga ... não gosto do pai... gosto mais da vó... agora gosto mais da minha mãe... um tempo eu menos gostava da minha mãe... gosto de ficã na pracinha a noite, pensando quieto... gostaria de morã com meu pai... gosto de ficã sozinho...

TER ... tenho direito à vida... tem muita diferença (entre lar/instituição)... cada um tem problemas diferentes... aqui não tem guria... tenho medo... tenho raiva... tenho os mesmos direitos das pessoas lá fora... não tive pai e mãe... queria ter eles... não tenho mais aquele afeto como se fosse um pai e uma mãe de verdade... tem pessoas que têm pai e mãe que vem buscã... tem pessoas que sofreram mais que eu... não tenho coragem de perguntã pro meu pai porque ele não me criou... tenho vontade de passear... tenho mais afeto pela vó... não tem aquele diãlogo... (o pai) tenho uma madrinha... talvez atẽ tenha uma mãe... tenho amigos ... não tenho pai... tem mãe que não liga... tenho saudades... tenho meu caderno de poemas... tenho motivo pra ser infeliz... não tenho o que lembrar... sã pai que não tenho... tenho lembrança boa, mas bem pouca... aqui não tem liberdade...

SER

... sou independente... sou diferente... minha situação é das piores daqui de dentro... sou filha adotiva... não digo que sou da Fucabem... sou exemplo para os outros menores... sou corajosa... sou infeliz... sou um cara que entende as coisas... sou um cara normal... não é minha mãe verdadeira... foi uma infância que não foi bem vivida... não é uma família... não é como se fosse minha casa... a maioria pensa que educando é marginal... sou triste... sou bem revoltada... sou bem tratado aqui... Fucabem é como um pai... sou assim há tempo (triste)... sou carente... só porque sou da Fucabem (não vai ser aceito lá fora)... sou heroína... a mãe, não sei como ela é... sou responsável pela minha irmã... fui criado na mordomia... sou tola... só porque sou mulher... alguns monitores são muito abusados...

Nos adjetivos e substantivos selecionados, também ficou evidente a relação família/instituição, todos mostrando a falta (ruptura) ou ligados a ela.

SUBSTANTIVOS Uma família... uma mágoa... amigos... mãe... pessoas... saudade... sonho... gente... um pai... uma mãe... Fucabem... crianças... o passado... internato... a diferença... problemas... uma senhora (me adotou)... o menor... lembrança... medida... medo... raiva... solidão... funcionários... vida... irmãos... carinho... infância... orfanato... madrinha... monitor... amizade... amor... conselho... segredos... tristeza... psicólogo...

ADJETIVOS

mais independente... prefiro ficar sozinha... fico assim confusa... me acho corajosa... estava sendo rejeitada... a casa vazia... família é um vazio... a gente é usada aqui... pequeno... até ficava feliz... me sinto chateada... me acho infeliz... sou normal... foi uma vida difícil... sou carente... sou agressiva... sou revoltado... sou diferente... são legais...

As negações aconteceram com muita frequência, conduzindo o discurso também para o contexto da falta.

... não me sinto igual... não preciso tanto de uma família... não sei o que sou... não precisava estar de lá pra cá... não sentia mais saudade (da mãe)... se eu não fosse da Fucabem... não é minha mãe verdadeira... não queriam cuidá (os pais)... não consigo gostá assim... a mãe não podia cuidá... não voltô mais... não conheço minha família... não sei onde está minha mãe... não gosto daqui... não me dõ bem... Fucabem, não tem nada a ver (com o lar)

... não me sinto bem aqui... não consigo explicar... meu pai não mora junto com minha mãe... não me acho muito corajoso... alguns menores não gostam de mim... aqui a gente é tratado com medida, em casa não... não me sinto diferente mas também não sou igual... não tive pai... não tenho mais aquele afeto... não entendo porque não me criaram... não entendi essa deles... não é uma família... não queria ir pra Fucabem... com o pai não tem diálogo... não dá pra conversar... não foi uma infância bem vivida... não queria, grudei na vó... não penso nisso... não tenho coragem pra conversar com o pai... não é como se fosse minha casa... não sei porque sou diferente... não dá pra morar com a mãe... não penso no dia de amanhã... não gosto de morar com a mãe... não lembro, não gosto de lembrar... minha mãe não gostava de criança pequena... não tem pai... tem mãe que não liga... não dá pra ser feliz... não foi boa infância... a mãe não abraçava... não é bom lembrar pai e mãe... não tiro da cabeça (o passado)... não quero conhecer minha mãe... ela não gosta de mim... não gosto de psicólogo... não valorizam o menor (a instituição)... eles não se preocupam... aqui o tempo não passa... não consigo esquecer... não queria que falasse assim... muita gente não sabe do meu passado... quem não quer ter um pai e uma mãe...

Levantados todos esses elementos, configurada, através da análise dos dados do discurso, a prioridade do tema desta proposta de trabalho, nos detivemos ainda mais uma vez, para verificar o que, neste texto, serviu de estrutura e de elemento de coesão.

Partindo do princípio teórico levantado por KOCH (1984: 24), de que "o ato de argumentar constitui o ato lingüístico fundamental", saímos em busca desta argumentação, que de alguma maneira estaria inscrita nos discursos dos menores abandonados.

Antes de falar em argumentação, é preciso dizer que o texto que estamos analisando é o resultado de um tipo de conversação que não é usual, isto é, não se configura "como uma prática social comum no dia-a-dia do ser humano (MARCUSCHI, 1986:5).

Trata-se de um texto resultante de várias entrevistas que,

agrupadas, se transformaram no objeto de análise dessa pesquisa.

Sendo um procedimento incômum, no sentido de que não é desta maneira que as pessoas normalmente "conversam" entre si, cabe levar isso em consideração e dizer, que o texto que temos em mãos, não é um discurso tipicamente argumentativo. Primeiramente, porque se trata de um discurso cuja produção foi orientada. As perguntas foram direcionadas para os temas da família, da instituição e da vida pessoal de cada menor. Naturalmente que isto aconteceu em função do objetivo da análise, que era o de levantar as questões relativas à afetividades nos discursos dos menores abandonados institucionalizados.

Desta maneira, eles nos relataram sua história de vida, familiar e institucional, dando a elas o seu valor pessoal e o que elas representavam para cada um.

E foi dessa nossa "conversa" que resultou o presente texto, tão fundamental quando outros textos, resultados de tantos outros tipos de "conversa".

Em segundo lugar, a argumentatividade não se manifesta de maneira "típica" porque, sendo um relato, a intenção é contar, não convencer, julgar, persuadir o outro. Mesmo que nesse "contar" haja momentos onde a argumentação se explicita linguisticamente, ela não opera da mesma maneira no percurso geral do discurso.

P.V., 11 anos, comprovando sua capacidade de "se virar" na cidade, porque quer ir visitar os avós e o técnico não deixa alegando que ela é muito pequena, diz o seguinte:

... eles dizem que sou pequena... eles que pensam... eles pensam que sou tola... se a senhora quise um remédio que só tenha na cidade... a senhora me dê, me dê a hora prá

*mim voltã, eu vô lâ, pego o remédio prá senhora...
eu sei, eu sei onde é tudo...*

Ouvindo a história de L.J.L. sobre o abandono e o internamento, perguntei a ele se, em função de tudo isso, ele achava que a família não gostava dele. Se surpreende com a pergunta e argumenta o seguinte:

... não gostam de mim?... pelo contrário... meus irmãos por parte de mãe me adoram... tenho um irmão também por parte de mãe que também gosta de mim, minha madrasta também gosta de mim... minha madrinha me adora...

Partes como estas podem ser encontradas no texto. Não faremos um levantamento delas, porque consideramos que o texto como um todo se instaura como a argumentação maior. Estas partes representam alguns momentos da ocorrência de argumentação expressa.

Do nosso ponto de vista, a argumentação acontece neste texto diretamente vinculada à questão da afetividade e se mostra nele através dos valores representados no e pelo jogo das imagens que se revelou nos discursos.

O argumento de base é a marca da falta de vínculos afetivos. Ele aparece no discurso quando os menores falam da família, da instituição e da possibilidade de vida fora dela. Isto significa que esta marca percorre todo o discurso, em três etapas diferentes. Ela se viabiliza através das imagens que surgem e vão se relacionando entre si, como já colocamos. Ela se formaliza por elementos sintático-semânticos, que formam um léxico absolutamente representativo e significativo desta marca. Também já colocamos estes dados.

Desta maneira, a marca da falta se efetiva como parte cons-

titutiva essencial desse discurso, revelando-se no contexto do passado (família), do presente (instituição) e da vida fora dela (como representação de uma possibilidade de preencher em parte a lacuna). De outra forma colocados os elementos, teríamos a família/rompimento do vínculo, a instituição/continuação do rompimento, a vida fora/possibilidade de novos vínculos.

Este fio condutor de todo o discurso, que se estrutura pela manutenção da falta dos vínculos afetivos que permeia o discurso, é o elemento que lhe dá, mais do que coesão, a dimensão e a profundidade da falta existente na vida dos menores abandonados. E na medida em que vida e argumento se confundem, justifica-se a especialidade deste discurso e de quem, com sofrimento, o produziu.

CONCLUSÃO

Neste momento, considerar concluído o trabalho não é o bastante. Talvez fosse melhor dizer que a questão levantada sobre os menores abandonados deste país é uma questão que se mantém e se manterá por longo tempo em aberto. Mais que uma questão, ela é uma ferida, aberta todo dia e a toda hora na alma das crianças que vivem a dura condição de abandonados.

Propusemo-nos, no início da pesquisa, constatar um tipo de falta que existia e ainda existe na vida desses menores e que deveria aparecer marcada em seus discursos.

Constatada está a falta, marcado está o discurso. Comprendemos isso a partir do entendimento das suas condições de vida na família e na instituição. Também através das imagens representadas em seus discursos, relacionadas com o pai, a mãe, os amigos, a vida na instituição, a diferença entre o "viver dentro" e "fora" dela.

Mediando todas estas relações, apareceu a falta de afetividade, com seu valor de coisa ausente, doída e praticamente irrecuperável.

Apesar de tudo, eles acreditam neste valor ausente e têm esperanças de um dia encontrá-lo no convívio com as "outras pessoas", quando estiveram "fora" da instituição.

Mas a esperança não foi grande o suficiente para deixar suas marcas, significativamente impressas nos discursos. O que

fica, definitivamente marcado, é que, indiscutivelmente, as crianças abandonadas não experimentaram a experiência da afetividade, nem em companhia da família, nem na instituição.

A linguagem que utilizam, o discurso que produzem, confirmam esta ausência (quebra) da experiência.

A linguagem cumpre o seu papel de reveladora dos fatos sociais vividos pelos sujeitos sociais. Para que este discurso possa um dia ser modificado, é, portanto, preciso que a sociedade em que vivemos seja também modificada, politicamente/ideologicamente, a partir de um processo (longo) de conscientização que permita a substituição do atual "olhar o mundo" por um outro, em que as lentes estejam menos arruinadas ou os olhos curados.

Só assim, com profundas alterações sociais, a falta de afeto e todas as outras faltas que existem na vida das crianças abandonadas poderão ser exterminadas, além de sua própria condição de abandonados.

Enquanto isso, é preciso se dar conta da sua existência e agir de alguma maneira, para dividir com elas o privilégio da vida que levamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ACEVEDO, Hilda S.L.C. (1983) Do abandono à delinqüência. Rio de Janeiro, Shogum Arte.
- 2 AIMARD, P. (1986) A linguagem da criança. Porto Alegre, Artes Médicas.
- 3 ALTHUSSER, Louis. (1980) Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3.ed. Lisboa, Presença.
- 4 ARRUDA, Reinaldo S.V. (1983) Pequenos bandidos. São Paulo, Global.
- 5 ASSUNÇÃO, Maria Luiza T. (abr./jun.1972). A carência afetiva na evolução da personalidade. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 57(126):266-79.
- 6 BAKHTIN, Mikhail. (1981) Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo. Hucitec.
- 7 BARTHES, R. (1970) S/Z. Lisboa, Ed. 70.
- 8 BENVENISTE, E. (1974) Problèmes de linguistique générale. Paris, Gallimard.
- 9 BOREL, G. & SILVA, M.L. (1987) Garotos de rua à mercê da sorte. Rio de Janeiro, Catedra.
- 10 BRAGA, Maria Lucia S. (1980) Produção de linguagem e ideologia. São Paulo, Cortez.
- 11 CHARAUDEAU, Patrick. (1982 A) Eléments de sémiolinguistique d'une théorie du langage à une analyse du discours. Connexions, 38:7-30.
- 12 . (1982 B) Langage et discours. Paris, Hachette.
- 13 EDMUNDO, Lygia P. (1987) Instituição: escola de marginalidade? São Paulo, Cortez.
- 14 ENGELMAN, Arno. (1978) Os estados subjetivos: uma tentativa de classificação de seus relatos verbais. São Paulo, Ática.
- 15 FARACO, Carlos Alberto. (1985) Linguagem e sociedade. In: A linguagem e o homem. Curitiba, Biblioteca Pública do Paraná.

- 16 FÄVERO, L.L. & PASCHOAL, M.S.Z. (1986) Linguística textual: texto e literatura. São Paulo, EDUC.
- 17 FERREIRA, Rosa Maria F. (1979) Meninos de rua. São Paulo, Obrex.
- 18 GOFFMAN, Erving. (1985) Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 3. ed. Rio de Janeiro, Zahar.
- 19 GUIRADO, M. (1986) Instituição e relações afetivas: o vínculo com o abandono. São Paulo, Summus.
- 20 HARNECKER, Marta. (1983) Os conceitos elementares do materialismo histórico. 2.ed.rev. São Paulo, Global.
- 21 HENRY, M. (1985) A morte dos deuses: vida e afetividade em Nietzsche. Rio de Janeiro, Zahar.
- 22 KOCH, Ingedore G.V. (1984) Argumentação e linguagem. São Paulo, Cortez.
- 23 KRISTEVA, Julia. (1969) História da linguagem. Lisboa, Ed. 70.
- 24 LOPES, Edward. (1978) Discurso, texto e significação: uma teoria do interpretante. São Paulo, Cultrix.
- 25 LUPPI, Carlos Alberto. (1982) Agora e na hora de nossa morte: o massacre do menor no Brasil. São Paulo, Brasil.
- 26 MARCUSCHI, Luiz Antonio. (1986) Análise, conversação. São Paulo, Ática.
- 27 MARREY, Adriano. (1980) Menores: legislação; estudo das medidas judiciais e das medidas de caráter social do Código de Menores. São Paulo, Associação Paulista de Magistrados.
- 28 ORLANDI, Eni O. (1987) A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 2.ed. rev. aum. Campinas, Pontes.
- 29 OSAKABE, Haquira. (1979) Argumentação e discurso político. São Paulo, Kairós.
- 30 POSSENTI, Sirio. (1988) Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo, Martins Fontes.
- 31 PRADA, Cecília. (1981) Menores no Brasil: a loucura nua. São Paulo, Alternativa.
- 32 ROBINSON, R.W. (1972) Linguagem e comportamento social. São Paulo, Cultrix.
- 33 ROSSI-LANDI, Ferruccio. (1985) A linguagem como trabalho e como mercado. São Paulo, Difel.

- 34 SEARLE, John R. (1981) Os actos da fala. Coimbra, Almedina.
- 35 TERWILLIGER, Robert F. (1974) Psicologia da linguagem. São Paulo, Cultrix.
- 36 VERÓN, Eliseo. (1980) A produção do sentido. São Paulo, Cultrix.
- 37 VIOLANTE, Maria Lúcia V. (1984) O dilema do decente malandro. 3.ed. São Paulo, Cortez.
- 38 VOGT, Carlos. (1980) Linguagem, pragmática e ideologia. São Paulo, Hucitec.
- 39 WINNICOTT, D.W. (1957) L'enfant et sa famille: les premières relations. Paris, Payot.

ANEXOS

Para esta mostragem foram selecionados depoimentos de dois dos dez menores que fizeram parte efetiva da pesquisa. A partir deles é possível ter uma idéia concreta de como os discursos foram sendo analisados, desde a transcrição das fitas, passando pela "desmontagem" dos textos individualmente, até chegarmos ao quadro dos resultados finais, que constituem o anexo 5.

ROTEIRO DA ENTREVISTA

A) HISTÓRIA DE VIDA FAMILIAR

1) Como você chegou aqui?

Porque veio para cá?

Quem trouxe você para cá?

2) Como você vivia em casa?

Como era sua casa?

Quem morava lá?

3) Você tem boas lembranças da sua vida antes de vir para cá?

4) Você gostava das pessoas com quem vivia antes daqui?

5) Qual a pessoa da sua família que você mais gosta? Porque?

Qual a que você não gosta? Porque?

6) Qual a que mais gosta de você?

Qual a que não gosta de você?

B) HISTÓRIA DE VIDA INSTITUCIONAL

1) Como você é tratado aqui?

2) Você acha que os técnicos gostam de você?

- 3) Você tem muitos amigos aqui?
- 4) É fácil fazer amigos aqui?
- 5) Você confia nas pessoas que trabalham aqui?
- 6) Você gosta delas?
De quem mais gosta?
De quem não gosta?
- 7) Você se sente como se estivesse em casa aqui na Fucabem?
Sim/Não - porque?
- 8) Se você faz alguma coisa errada, o que acontece?
- 9) Você vê diferença entre aqui dentro/lã fora?

C) VIDA PESSOAL

- 1) Você se sente igual aos outros menores que vivem aqui?
- 2) Você gosta dos outros menores?
Eles gostam de você?
- 3) Como você se sente aqui dentro?
- 4) Você gosta da sua casa aqui?
- 5) Você gostaria de ter um quarto só para você?
O que você gostaria de ter dentro dele?

- 6) O que você gosta de fazer?
- 7) Você tem algum sonho de vida, alguma coisa que você gostaria que acontecesse?
- 8) Você sonha com que? (durante o sonho)
- 9) Você prefere ficar sozinho ou com os outros menores?
Porque?
- 10) Onde é que você mais gosta de ficar aqui dentro?
- 11) Você quer casar e ter família?
- 12) Se você não estivesse aqui, onde gostaria de viver?
Com quem? Como?
- 13) Você sofre, acha que a sua vida é difícil?
- 14) Você se acha corajoso?
- 15) O que você acha que a gente precisa ser para enfrentar a vida?
- 16) O que você acha que é seu direito na vida?

* Nas fichas que seguem, são registrados enunciados tais como ocorreram na entrevista, salvo pelo fato de que, tendo-se elaborado um esquema estrutural correspondente à estrutura de constituintes, os termos não aparecerão necessariamente na ordem de ocorrência real; os pronomes, também, quando elididos, não aparecem repetidos.

FICHA DE PALAVRAS PARA ASSOCIAÇÃO

Pai

Mãe

Avós

Lar

Fucabem

Vida

Morte

Monitor

Psicólogo

Polícia

Fome

Pobreza

Riqueza

Amigos

Medo

Coragem

* Os dados mais significativos contidos neste exercício de associação de palavras elaborado pelos menores encontra-se embutido nas fichas dos depoimentos categorizados tematicamente, que constituem o anexo 3.

IMAGENS DA INSTITUIÇÃO SOBRE O MENOR

- Mãe prostituta "tonelero".
- A menor não conhece a mãe (afirmou várias vezes).
- Afere profundo pelo pai falecido (contou sobre gravidez de um menino que depois de um ano foi entregue à D... que deu para alguém sem autorização).
- Não confirmo caso com filho do pedrasto (insinuou caso com irmão adotivo).
- Caso com J... - antigo monitor.
- Mãe abandonou a família há mais ou menos 10 anos deixando pai com cinco filhos. Este entregou à famílias substitutas - constituiu nova família.
- A menor residiu durante 9 anos com a família de D... Teve boa adaptação até o início da adolescência. A partir daí problemas de relacionamento, conflitos familiares, interesse em morrer com o pai legítimo. Problemas com a madrasta. Voltou para D... durante um ano. Após incompatibilidades ambas rejeitaram qualquer possibilidade de retorno. Morou dois meses com um tio, ocorreram aí problemas de envolvimento sexual entre ambos sendo que suas versões sobre o caso são diferentes.
- Em dezembro/83 foi morar com a mãe. Amaldiçoou-se com o filho do pedrasto. Depois de dois meses voltou com a mãe. Em setembro de 84 saiu de casa para empregar-se. Procurando ajuda no Programa Cesar Souza, foram encaminhadas (ela e a irmã) ao juiz-tizado de memores de Palhoça, posteriormente ao Centro Educacional D. Jaime. 06/04/85 - nomeando A.S. (do Internato) - envolvimento sexual - alertada quanto ao risco de gravidez.

Lauda Psicológica:

- Inteligência acima da média. Tendência a fugir diante das dificuldades frente à realidade. Recebe figura feminina como controladora. Figura masculina sentida como uma pessoa hermética; agressiva à nível oral. Menor com comprometimento de emocionalidade, manifesta através do uso exagerado da fantasia, reação violenta frente à frustração menor irritabilidade.
Lauda Psiquiátrico:
- Péssimo vínculo com a figura materna. Tem raiva, não aceita, acha ruim. A mãe abandonou a família quando a menor tinha 6 anos. Rejeição familiar, incompatibilidade com sazes - traços psicopáticos de personalidade. Sugerimos internação Centro D.J.B. Câmara.

Não vou dizer que não gosto
ela me criou
Não quero conhecer - mãe biológica
Não lembro
Não gosto de mim - mãe biológica
Não acho que gosto
Não gosto - psicólogo
Não tem interesse
Não gosto lembrar
Não é porque sou de Fucabem
Não confio
Não passa o tempo

IMAGENS DO MENOR SOBRE A INSTITUIÇÃO

- "A polícia trouxe... porque quando eu saí dessa casa... eu estava lá na praça daí me pegaram... aí me levaram pra RNW depois me trouxeram pra cá".
Funcionários: "não muito, não confio não, tia. Porque eu já contei várias coisas pra um monitor e depois ele espalhou pra todos os monitores... Isso eu achei errado, e falei na reunião, tudo... ela disse que era mentira".
Fucabem/Zigar: "Aqui é bem diferente. Bem diferente de uma família. Preferia dez vezes estar vivendo com uma família do que viver aqui dentro... porque aqui dentro até um, sei lá, fica até uma certa idade não é... e depois tem que sair...".
"Quando eu ganho medida eu cumprio direitinho".
"ah aqui, sei lá. o tempo não passa... agente todo dia vendo a mesma cara, o mesmo rosto... de casa eu gosto, agora das pessoas que moram dentro, muito poucos...".
"está certo que eles não dão muito pra gente, que é muito difícil eles darem alguma coisa pra gente, mas quando dão a gente tem que não é, mais é valorizar...".
"porque senão, se a gente disser que não quer eles já dão pros outros e...".
"eles não se preocupam com o menor, não valorizam o menor".
"S.E... ah, eu acho que nunca conversei com S.E... direito... queria qualquer dia perguntar pra ele o que ele acha do menor... que eu acho que eles não valorizam não...".
"até hoje eu não senti aqui dentro uma pessoa que se preocupasse com a gente...". "é pra brigar ou é pra dar medida ou é pra dizer aquilo que está errado... não tem de ensinar, sempre fica em cima da gente".
No quarto "eu ia botar, fazer quadrinho não é... que eu não faço quadrinho porque as gurias estragam tudo...".
Pinto... fazia quadrinho, botava, se tivesse Janeinha botava cortininha, botava a cama assim no meio, fazia aquelas negocinhos, tijolo não tem, botava duas mesinhas assim, abajurzinho... Direito a uma família? "eu acho, não sei porque o pai e a mãe fizeram aquilo... nem qual é o motivo porque eles deixaram a gente...". "Eu me acho uma pessoa infeliz... fico sempre pensando no passado tia... não adianta que eu não tiro o negócio do passado da cabeça... não sei porque... eu não consigo tirar e daí eu não consigo fazer a coisa direito... quer ver prova então, quando eu estou com a cabeça cheia assim, aí já já acordando, já brigando com todo mundo, já...".

Não valorizam
Não se preocupam
Não conheço - mãe verdadeira
Não gosto dela
Não sei como ela é
Não queria nem saber (a mãe biológica)
Não consigo esquecer
Não acho que gostem de mim
Não queria que falasse que a mãe vngabunda
Não quer ter pai e mãe rompimento

- "Eu fui pega com seis anos pra criar... mais tarde com 12 vim para o RNW... aí depois com 13 eu saí, me juntei com um ruiz... Aí com 17 vim pra cá... quer dizer passei pelo RNW primeiro. Depois eu vim pra cá...".
Sobre antes da "adoção" - não lembra: "Só sei que se eu nasci, decerto me deixaram na maternidade, alguma coisa assim, não é, porque eu não conheço minha mãe verdadeira... Só meu pai que eu conheci depois dos 13 anos. Só me levaram para o hospital. Fiquei lá bastante tempo.
"Eu me pai de criação, a minha mãe, meu irmão de criação e a minha irmã...".
Mãe adotiva: "Sei lá, eu gostava dela assim, não é... mas desde o momento que eu soube que ela não era mais minha mãe verdadeira... sempre pensei que ela fosse minha mãe, não é? Fiquei revoltado. Eu queria que ela contasse pra mim. Ela dizia que minha mãe de, de verdade era uma galinha... e, eu não queria que ela falasse, falasse isso... não vou dizer que não gosto dela porque ela me criou...".
Mãe biológica: "eu não quero conhecer ela... não sei como ela é, não me lembro e não quero saber... quando eu precisei dela ela não queria, não queria nem saber de mim...".
Amigos: "não é fácil porque tem quem comprime a amizade da gente, não é, e, e certos fazem amizade pra se aproveitar da gente... principalmente os rapazes... eles só querem as gurias já, então... as gurias também, elas são muito falsas".
Psicólogo: "Eu não gosto... eles confundem muito a cabeça da gente tia, ui... cada coisa tirada do fundo lá que a gente vê, eu... a gente quer conversar sobre um assunto eles ficam perguntando: 'Como é que nasceu?' que não sei, ui... Vem coisa lá do fundo lá que nem tem mais interesse... Coisa que eu quero esquecer e não consigo, porque todo dia alguém pergunta pra mim 'como é que era tua vida? Como vai tua mãe? Eu não gosto de lembrar'.
Curiosas: "umas coisas tenho saudades, outras não... Família não, família a gente fica em casa pelo resto da vida, acabou. Tem essa vantagem...".
"Qual é aqui dentro que não quer ter um pai e uma mãe?"
"Souro principalmente na morte do pai".

Diferente da família
Ser: Fucabem, carente, não mãe verdadeira.
Ter: saudades, amigos.
Preferir: ficar só.
Viver: (não) de lembrar
Gostar: (não) que ninguém encha o saco
Achar: que gostam, não gostam, infeliz errado.
Falar: conigo.
Morar: aqui.
Ficar: revoltado.

- "Só gostava de mim... meu pai de criação... ele era legal comigo".
"Tenho bastante amigos, mas só uma que eu gosto mesmo. É a N... É melhor amiga... que ela conta os segredos pra mim, tudo... Eu prefiro dez vezes mais tia conversar com a N... do que conversar com qualquer monitor, qualquer técnico...".
"A que eu mais gosto é a tia que trabalha na lavanderia. Adoro ela...".
"50 um, conversa. Rapazes quase não me dou bem... Só vem com malícia, a conversa...".
"R... já namorei com ele. Ele era daqui de dentro. Não... não esqueci...".
Sobro - "em poder dar tudo para a minha filha que eu não tive...".
"Coisa boa eu soubo com a N... Um quarto... só pra mim e pra N... Eu e ela dormindo junto...".
"Adoro trabalhar na creche... adoro as cozinheiras".
Técnicos: "Tia eu acho que gostam... Agora, outros eu não acho...".
"Muitos pensam que menor da Fucabem é macabro é isso, é aquilo, é vagabundo".
IMAGENS DOS OUTROS SOBRE SI
Outros Menores: "Eu acho que eles gostam não tia, eu também não sei, a maioria não gosta... as gurias também... as vezes elas falam comigo...".
IMAGENS DE SI
Diferente dos outros menores: "eu acho que sou mais do que eles... eu acho...".
Igual: "Sei lá, eles são muito carentes, eu também sou... em bastante coisa assim é igual...".
"Prefiro ficar sozinha... pensando navida, escrevendo ou chorando também serve. Ou lendo um romance".
Agressiva: "Só assim quando eu estou com problema, assim eu não gosto que ninguém vá me encher o saco... só se for pra dar um conselho assim, ainda aceito".
Corajosa: "eu acho, quer dizer heróica até pode dizer, porque sei lá, passar isso tudo que eu passei e estar aqui ainda...".

Sentir: saudades.
Valorizar: menor.
Sofrer: morte do pai.
Preocupar-se: com menor
Soltar:
Conhecer: (não) mãe verdadeira.
Conseguir: um emprego
Contar
Conversar
Contar: (não)
Ficar: em cima da gente, só, pensando, em casa.
Substituir: N...
Criar
Gostar/Ser/Aclar/Ficar
relativa à situação de abandono-rompimento.

"Eu tenho mais afeto pela minha avó... quando sair daqui vou morar com ela, quando eu tiver uma vida melhor..."
Pai/Mãe - "Eu sinto que eles gostam de mim
Nãa..."

"Sai lá, eu não tenho este trauma agora porque... com a vivência..."
"Família é um pai e uma mãe, tudo junto".
"Eu gostava de brincar... tinha uns caras do meu tamanho que brincavam"

Tenho amigos... tinha um cara aqui dentro que não está mais aqui, o V... A gente fazia capoeira junto... se eu ia treinar o outro não ia, aquilo que ia não se sentia bem né, porque estava afinado com o outro cara..."

"Eu vejo os educandos como meus irmãos, os monitores como meus pais... se tenho problemas converso com eles... é como se estivesse em casa e fosse conversar com meu pai ou com minha mãe".

"Eu já tenho né... uma madrinha que gosta de mim e talvez tenha até uma mãe... tenho um pai, uma vó..."
"Gostaria de ficar com alguém, conversando"
"Gostaria de morar com meu pai..."

em convívio com pessoas que... sei lá... a gente tem um papo nosso aqui.

-Costa da companhia dos outros - não gostaria de dormir só. Sobra de tudo um pouco (bonf/meu).

"Então nenhum dos dois queria eu cuidar... minha avó me pegou pra criar... eu tinha três anos... ela criou até os sete... aí antes de eu vir morar com minha avó, morei com mais duas mulheres... eu me lembro bem... foi a minha segunda mãe essa T... eu não estava registrado, então ele (pai) botou o meu nome na certidão de nascimento com o dessa T... que não é minha verdadeira mãe..."

"Foi uma infância que não foi bem vivida... não tive pai nem mãe"
"Mas eu queria ter eles, eu não queria entrar na Fucabem"
"Depois um dia... meu pai quer que eu vá morar com ele... minha mãe também, mas eu não tenho aquele afeto... como se fosse um pai e uma mãe mesmo".

"Acho que demorei demais para gostar de mim... devia gostar de quando eu era pequeno... não entendi essa coisa... meu pai está sustentando dois filhos, minha mãe mais três... eu não entendo porque eles não me pegaram pra criar... Hoje não dá".
"Me considero um cara, sem família".

"Agora um pai do outro lado e uma mãe lá do outro, já uma tia lá do outro lado, uma avó aqui, não é família".
"Cheguei (Fucabem) com um trouxinha debaixo do braço e o monitor veio me pegar mas eu não queria, eu grudei na vó assim e não queria ir. Na primeira semana chorei muito não dormia... Só falava na vó... depois fui me acostumando..."

"Em casa eu não tinha nada disso"
"Eu me senti... e me lembro da parede assim onde eu me arrastei assim, fui até o quarto, assim aí eu comi, conversei com oigo..."
"Quando esse cara saiu eu fiquei um pouco vazio assim, nunca mais falei com ele... ficou um pouco orgulhoso... não vem aqui..."

"Tem pessoas que sofreram mais que eu... outras são mais alegres que eu porque tem um pai e uma mãe... sabem que vão visitar um pai e uma mãe verdadeiros. Eu já não... quando saio tenho que ir para a casa da vó... Tem pessoas que pai e mãe vem buscar. Eu já não... meu pai e minha mãe não vem me buscar... tem pessoas mais tristes do que eu que não tem família nenhuma..."

"Se eu botasse esse negócio do meu pai e da minha mãe na minha cabeça acho que seria infeliz, mas não penso nisso... acho que é não tenho conversa pra conversar com ele... muitas vezes eu quero perguntar pra ele porque ele não me criou, não pegou e não tenho coragem de conversar com ele ou com minha mãe... Não temesse diálogo de pai e filho."

"Lá fora não dá pra conversar como eu converso aqui dentro... São pessoas diferentes, a amizade é igual... aqui..."

Ter três anos/não ter pai/mãe/conversa não afeto/pai mãe verdadeiros
lembrar , onde se arrastou/
ficar em casa
queria ter eles
conversar
demorar pra gostar
me considerar sem família
entender? não criaram
sair
chegar Fucabem em casa
sofrer
querer ir não Fucabem
buscar
chorar

Sair amigo embora
botar na Fucabem
pensar
querer perguntar? não criaram
confiar? complicado
diferente/igual
feliz/infeliz
corajoso/brincalhão
normal/mãe/pai verdadeiros
pequeno

"ela resolveu me colocar na Fucabem"
"Fui muito bem tratado... hoje estou querendo sair daqui de qualquer maneira"

Confiar? É complicado... vou fazer 8 anos de Fucabem... Conheci monitores que não quiseram nada com nada... outros pegam o educando, fazem um trabalho em cima do educando esses sim, quem alguma coisa... a maioria dos que estão aí hoje estão consertados com quem fazem um trabalho com o menor..."

"Me dou bem com os funcionários... me sinto à vontade mas não é como se fosse minha casa, a liberdade não é total..."
"Me sinto bem aqui..."

Funcionários da Fucabem:
"E eles gostam de mim talvez porque eu não respondo né..."

Outros menores:
"A maioria gosta de mim..."

As pessoas em geral:
"É uma idéia muito má... pensam que sei lá... tem muitos educandos nossos que são marginais. Uma mulher perguntou se eu estava na Fucabem porque ela me achou um cara muito educado... então eu falei que não era nada disso... no meio de uma família de 5 irmãos um daqueles tem alguma coisa né?"

E aqui no meio de 150 porque 5/6 não vão ter?
Imagens de si próprio
"Sou um cara que, sei lá, eu entendo as coisas né..."

"Eu não me sinto diferente dos outros educandos acho que se está todo mundo aqui é porque todo mundo é igual... se alguém fosse superior não estava aqui"

"Tenho que ser o educando exemplo, sou o mais velho... qualquer coisa que eu faço tem que servir de exemplo para outros"
"Gosto de estudar, de fazer esporte"

"Me acho feliz... acho que aproveitei..."
Justamente por isso que eu sou um cara alegre, uma pessoa brincalhona"

"Sou corajoso", "sou uma pessoa normal... podia ter os mesmos direitos das pessoas lá fora"
"Normalmente me sinto tão bem lá fora quanto aqui"
"Gosto da vida militar... queria seguir carreira na aeronáutica"

Verbos relativos à falta
Ser superior/exemplo/feliz/corajoso
mãe verdadeira/infância/uma família
pessoas diferentes
Sentir diferente, bem
achar aqui todo é igual
felic
gostar estudar, vida mil, os outros
brincar
poder ter direitos, comida feita,
madrinha, afeto

TER superior/exemplo/feliz/corajoso
ficar em casa
queria ter eles
conversar
demorar pra gostar
me considerar sem família
entender? não criaram
sair
chegar Fucabem em casa
sofrer
querer ir não Fucabem
buscar
chorar

SER superior/exemplo/feliz/corajoso
mãe verdadeira/infância/uma família
pessoas diferentes
Sentir diferente, bem
achar aqui todo é igual
felic
gostar estudar, vida mil, os outros
brincar
poder ter direitos, comida feita,
madrinha, afeto

TER superior/exemplo/feliz/corajoso
ficar em casa
queria ter eles
conversar
demorar pra gostar
me considerar sem família
entender? não criaram
sair
chegar Fucabem em casa
sofrer
querer ir não Fucabem
buscar
chorar

rejeição dos pais, levado pela avó. Não tem relação com os pais - pais massiados/separados. Residiu um tempo com o pai depois com a mãe, 6 anos com a avó paterna até o internamento.

Avó desconhece o paradeiro dos pais.
Sabe que não há interesse em assumir o filho. Alegam falta de condições. Possuem outros filhos e outra família.
Com a avó não apresentou problemas de conduta. Esta pediu o internamento por falta de condições.

Laudo psicológico:
Responsável/trabalhador.
Forte sentimento de rejeição e de abandono.
Projeta sua insegurança supervalorizando as qualidades da avó.
Deseja agradar/agradecer, a avó fantasiando desejo de ser religioso.

Inteligente/bom estruturado embora seja ainda uma personalidade em formação.
Prognóstico:
Apesar de não apresentar problemas de conduta e de manifestar sentimento de rejeição decorrente da situação de abandono, enquanto estava com a avó os pais não visitaram, que para não afastar o menor do ambiente familiar numa tentativa de auxiliar as necessidades afetivas do menor foi sugerido o semi-internato Santa Catarina próximo à casa da avó.

entretanto o menor ultrapassa a idade (6), sugerimos o Educandário 25 novembro e regime de internato.

Negação relativa à falta
não me sinto
não é minha mãe
não tive pai/mãe
não tenho mais aquele afeto
não entendo porque não me criou
não é uma família
não queria ir (Fucabem)
não tenho conversa (com o pai)
não tem diálogo
não dá pra conversar (lá fora)
não me pegaram pra criar
não me criou (pai)
não fiquei mais sabendo dele (pai)
não queria entrar (infância)
não entendi essa coisa
não queria, grudei na vó
não penso nisso
não tenho coragem pra conversar (pai)
não é como se fosse minha casa

Negação relativa à falta
não me sinto
não é minha mãe
não tive pai/mãe
não tenho mais aquele afeto
não entendo porque não me criou
não é uma família
não queria ir (Fucabem)
não tenho conversa (com o pai)
não tem diálogo
não dá pra conversar (lá fora)
não me pegaram pra criar
não me criou (pai)
não fiquei mais sabendo dele (pai)
não queria entrar (infância)
não entendi essa coisa
não queria, grudei na vó
não penso nisso
não tenho coragem pra conversar (pai)
não é como se fosse minha casa

Negação relativa à falta
não me sinto
não é minha mãe
não tive pai/mãe
não tenho mais aquele afeto
não entendo porque não me criou
não é uma família
não queria ir (Fucabem)
não tenho conversa (com o pai)
não tem diálogo
não dá pra conversar (lá fora)
não me pegaram pra criar
não me criou (pai)
não fiquei mais sabendo dele (pai)
não queria entrar (infância)
não entendi essa coisa
não queria, grudei na vó
não penso nisso
não tenho coragem pra conversar (pai)
não é como se fosse minha casa

Negação relativa à falta
não me sinto
não é minha mãe
não tive pai/mãe
não tenho mais aquele afeto
não entendo porque não me criou
não é uma família
não queria ir (Fucabem)
não tenho conversa (com o pai)
não tem diálogo
não dá pra conversar (lá fora)
não me pegaram pra criar
não me criou (pai)
não fiquei mais sabendo dele (pai)
não queria entrar (infância)
não entendi essa coisa
não queria, grudei na vó
não penso nisso
não tenho coragem pra conversar (pai)
não é como se fosse minha casa

Negação relativa à falta
não me sinto
não é minha mãe
não tive pai/mãe
não tenho mais aquele afeto
não entendo porque não me criou
não é uma família
não queria ir (Fucabem)
não tenho conversa (com o pai)
não tem diálogo
não dá pra conversar (lá fora)
não me pegaram pra criar
não me criou (pai)
não fiquei mais sabendo dele (pai)
não queria entrar (infância)
não entendi essa coisa
não queria, grudei na vó
não penso nisso
não tenho coragem pra conversar (pai)
não é como se fosse minha casa

Negação relativa à falta
não me sinto
não é minha mãe
não tive pai/mãe
não tenho mais aquele afeto
não entendo porque não me criou
não é uma família
não queria ir (Fucabem)
não tenho conversa (com o pai)
não tem diálogo
não dá pra conversar (lá fora)
não me pegaram pra criar
não me criou (pai)
não fiquei mais sabendo dele (pai)
não queria entrar (infância)
não entendi essa coisa
não queria, grudei na vó
não penso nisso
não tenho coragem pra conversar (pai)
não é como se fosse minha casa

Negação relativa à falta
não me sinto
não é minha mãe
não tive pai/mãe
não tenho mais aquele afeto
não entendo porque não me criou
não é uma família
não queria ir (Fucabem)
não tenho conversa (com o pai)
não tem diálogo
não dá pra conversar (lá fora)
não me pegaram pra criar
não me criou (pai)
não fiquei mais sabendo dele (pai)
não queria entrar (infância)
não entendi essa coisa
não queria, grudei na vó
não penso nisso
não tenho coragem pra conversar (pai)
não é como se fosse minha casa

Negação relativa à falta
não me sinto
não é minha mãe
não tive pai/mãe
não tenho mais aquele afeto
não entendo porque não me criou
não é uma família
não queria ir (Fucabem)
não tenho conversa (com o pai)
não tem diálogo
não dá pra conversar (lá fora)
não me pegaram pra criar
não me criou (pai)
não fiquei mais sabendo dele (pai)
não queria entrar (infância)
não entendi essa coisa
não queria, grudei na vó
não penso nisso
não tenho coragem pra conversar (pai)
não é como se fosse minha casa

Negação relativa à falta
não me sinto
não é minha mãe
não tive pai/mãe
não tenho mais aquele afeto
não entendo porque não me criou
não é uma família
não queria ir (Fucabem)
não tenho conversa (com o pai)
não tem diálogo
não dá pra conversar (lá fora)
não me pegaram pra criar
não me criou (pai)
não fiquei mais sabendo dele (pai)
não queria entrar (infância)
não entendi essa coisa
não queria, grudei na vó
não penso nisso
não tenho coragem pra conversar (pai)
não é como se fosse minha casa

